

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA POLITÉCNICA E DE ARTES
CURSO DE DESIGN



Macumba Popular Brasileira: Ela está no meio de nós

PEDRO PORFÍRIO GUALBERTO

GOIÂNIA
2025

PEDRO PORFÍRIO GUALBERTO

Macumba Popular Brasileira: Ela está no meio de nós

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica e de Artes, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Design.

Orientadora:

Profa. Dra.. Ana Paula Neres de Santana
Bandeira

Banca Examinadora:

Prof. Maurício Azeredo.
Profa. Adriana Mendonça.

GOIÂNIA

2025



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
GABINETE DO REITOR

Av. Universitária, 1069 • Setor Universitário
Caixa Postal 86 • CEP 74605-010
Goiânia • Goiás • Brasil
Fone: (62) 3946.1000
www.pucgoias.edu.br • reitoria@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n° 038/2020 – CEPE

ANEXO I

APÊNDICE ao TCC

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Pedro Porfírio Gualberto do Curso de Design, matrícula 20212004200050, telefone: (62) 98241 2976 e-mail pedroink.ilustra@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do Autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Macumba Popular Brasileira: Ela está no meio de nós, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto(PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 23 de junho de 2025.

Assinatura do autor: _____

Documento assinado digitalmente
gov.br PEDRO PORFIRIO GUALBERTO
Data: 23/06/2025 18:48:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo do autor: Pedro Porfírio Gualberto

Assinatura do professor-orientador: _____

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA PAULA NERES DE SANTANA BANDEIRA
Data: 23/06/2025 19:44:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo do professor-orientador: _____

PEDRO PORFÍRIO GUALBERTO

Macumba Popular Brasileira: Ela está no meio de nós

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em sua forma final pela Escola Politécnica e de Artes, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para a obtenção do título de Bacharel em Design, em ____/_____/____.

Profa. Dra.. Ana Bandeira
Orientadora

Prof. Esp. Maurício Azeredo.
Membro Interno

Profa. Dra. Adriana Mendonça
Membro Externo

GOIÂNIA

2025

Dedico este trabalho aos meus ancestrais
aqueles cujos nomes talvez eu nunca tenha ouvido,
mas cujas histórias correm em minhas veias.
À vocês, que abriram meus caminhos.

Que este passo que dou honre cada passo que vocês deram antes de mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus ancestrais, cuja força, sabedoria e resistência me trouxeram até aqui. Este trabalho é fruto de caminhos abertos muito antes de mim, e é a eles que devo minha voz e meu lugar no mundo.

Aos meus familiares — principalmente à minha mãe, que sempre me incentivou a ir atrás dos meus sonhos; à minha irmã Marília e à minha avó Irací. Ao meu avô Litemar, de quem sinto muitas saudades.

Às amigadas que me sustentaram e celebraram cada pequena conquista ao longo do caminho — em especial a Dara, Estrela, Luiz, Martins e Diogo, que tornaram meu último ano na faculdade mais leve — e ao meu grande amigo Pedrão, irmão de outra mãe, que sempre esteve comigo nos bons e maus momentos.

Aos professores e orientadores — em especial à Ana Bandeira, que sempre arrumava tempo para me orientar, mesmo quando eu ainda não era seu orientando — pelo conhecimento compartilhado, pelas provocações que ampliaram minha visão e pela confiança no meu processo criativo.

“Dá o passo que Exu dá o caminho.”

– Ditado popular

RESUMO

O presente trabalho apresenta um projeto editorial com o objetivo de valorizar e desmistificar a religião da Umbanda. A partir de uma pesquisa sobre os orixás,

entidades espirituais e seus símbolos, foram selecionadas sete músicas que fazem referência à religiosidade afro-brasileira no cotidiano. Cada música serviu de base para a criação de uma ilustração original em estilo cartum, abordando de forma respeitosa e acessível as figuras centrais da Umbanda. As imagens foram organizadas em um livro ilustrado, diagramado para ter um caráter popular. O projeto inclui também um disco de vinil, formando um objeto gráfico que dialoga com a cultura, a fé e a memória coletiva brasileira, utilizando o design como ferramenta de representação e reflexão.

Palavra-Chave: Ilustração, Umbanda, Samba, Editorial

ABSTRACT

This paper presents an editorial project with the aim of valuing and demystifying the Umbanda religion. Based on research into the orixás, spiritual entities and their symbols, seven songs that reference Afro-Brazilian religiosity in everyday life were selected. Each song served as the basis for the creation of an original cartoon-style illustration, respectfully and accessibly addressing the central figures of Umbanda. The images were organized into an illustrated book, designed to have a popular character. The project also includes a vinyl record, forming a graphic object that dialogues with Brazilian culture, faith and collective memory, using design as a tool for representation and reflection.

Keywords: Illustration, Umbanda, Samba, Editorial

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Orixá Oxalá	página 16
Figura 2	Jesus Cristo	página 16
Figura 3	Orixá Ogum	página 18
Figura 4	São Jorge	página 18
Figura 5	Orixá Oxossi	página 20
Figura 6	São Sebastião	página 20
Figura 7	Orixá Xangô	página 21
Figura 8	São Jerônimo	página 22
Figura 9	Orixá Obaluaê	página 23
Figura 10	São Lazaro	página 24
Figura 11	Orixá Iemanjá	página 25
Figura 12	Nossa Senhora dos Navegantes	página 26
Figura 13	Orixá Nanã	página 27
Figura 14	Nossa Senhora de Sant'ana	página 28
Figura 15	Orixá Iansã	página 29
Figura 16	Santa Barbara	página 29
Figura 17	Orixá Oxum	página 31
Figura 18	Nossa Senhora Aparecida	página 31
Figura 19	Casal de Preto Velho	página 32
Figura 20	Caboclo Pedra Preta	página 33
Figura 21	Cabocla Iara	página 34
Figura 22	Baiana	página 35
Figura 23	Baiano	página 35
Figura 24	Boiadeiro	página 36
Figura 25	Boiadeira	página 36
Figura 26	Cigana Carmecita	página 37
Figura 27	Cigano Igor	página 37
Figura 28	Erê Pedrinho	página 38
Figura 29	Erê Mariazinha	página 38
Figura 30	Marinheiro	página 39
Figura 31	Maria Navalha	página 40
Figura 32	Zé pilintra	página 40
Figura 33	Exu Tranca Rua das Almas	página 41
Figura 34	Pombogira Rainha	página 42
Figura 35	Esboço da música “Minha fé”	página 71
Figura 36	Ilustração finalizada da música “Minha fé”	página 72
Figura 37	Esboço da música “Festa de Umbanda”	página 74
Figura 38	Ilustração finalizada da música “Festa de Umbanda”.	página 75
Figura 39	Esboço da música “Quando a Gira Girou”	página 77
Figura 40	Traços finais da música “Quando a Gira Girou”	página 78
Figura 41	Ilustração finalizada da música “Quando a Gira Girou”	página 79
Figura 42	Esboço inicial da música “Só o Ôme”	página 81
Figura 43	Esboço da música “Só o Ôme”	página 82

Figura 44	Ilustração finalizada da música “Só o Ôme”	página 83
Figura 45	Esboço inicial da música “Ogum”	página 85
Figura 46	Esboço da música “Ogum”	página 86
Figura 47	Ilustração finalizada da música “Ogum”	página 87
Figura 48	Esboço inicial da música “A Deusa dos Orixás”	página 89
Figura 49	Estrutura do esboço da música “A Deusa dos Orixás”	página 89
Figura 50	Estrutura do esboço da música “A Deusa dos Orixás”	página 90
Figura 51	Estrutura do esboço da música “A Deusa dos Orixás”	página 91
Figura 52	Ilustração finalizada da música “A Deusa dos Orixás”	página 92
Figura 53	Esboço da música “Vou Botar Seu Nome Na Macumba”	página 94
Figura 54	Ilustração finalizada da música “Vou Botar Seu Nome Na Macumba”	página 95
Figura 55	Espelho editorial	página 96
Figura 56	Família tipográfica	página 97
Figura 57	Grid	página 98
Figura 58	Arte da capa do livro	página 99
Figura 59:	Arte da quarta capa do livro	página 100
Figura 60	Livro “ Macumba Popular Brasileira”	página 101
Figura 61	Livro “ Macumba Popular Brasileira”	página 102
Figura 62	Livro “ Macumba Popular Brasileira”	página 103
Figura 63	Livro “ Macumba Popular Brasileira”	página 104
Figura 64	Livro “ Macumba Popular Brasileira”	página 104
Figura 65	Folha de guarda do livro	página 105
Figura 66	Encarte do vinil	página 106
Figura 67	Selo central do vinil	página 106
Figura 68	Capa do vinil	página 107
Figura 69	Capa do vinil	página 108
Figura 70	Vinil	página 108
Figura 71	Vinil	página 109
Figura 72	Arte da caixa	página 110
Figura 73	Caixa	página 111
Figura 74	Caixa	página 112
Figura 75	Caixa	página 113
Figura 76	Caixa	página 114

Introdução	11
1. Religiosidade, Cultura Popular e Design: Fundamentos da Proposta	13
1.1 Orixás: Presenças e Narrativas	15
1.2 Entidades	32
2. Metodologia	44
2.1 Diário de campo.....	44
2.1.1. Rodas de samba.....	44
2.1.2. Visita ao terreiro Morada do Cruzeiro	47
2.2 Decupagem das músicas	49
3. Desenvolvimento do projeto	69
3.1 Ilustrações	69
3.1.1. Minha Fé	69
3.1.2 Festa de Umbanda	73
3.1.3 Quando a Gira Girou.....	76
3.1.4 Só o Ôme.....	80
3.1.5 Ogum	84
3.1.6 A Deusa do Orixás.....	88
3.1.7 Vou Botar Seu Nome Na Macumba	93
3.2. Espelho editorial	96
3.3. Tipografia e Identidade Visual	96
3.4. Diagramação	98
3.5. Produto Final	99
3.6. Vinil	105
3.8. Caixa.....	109
Memorial	115
Reflexão final – Enfrentar o monstro	115
Considerações Finais	117
Referências Bibliográficas	118

Introdução

Segundo Darcy Ribeiro (1995), em sua obra *O Povo Brasileiro*, o Brasil tem uma origem plural: é formado por uma colcha de retalhos constituída majoritariamente por uma matriz europeia, uma matriz indígena e uma matriz africana. Essa mistura de culturas se manifesta fortemente na religiosidade e no folclore brasileiros, originando, por exemplo, a Umbanda — uma religião brasileira com costumes e tradições profundamente enraizados na cultura popular. No entanto, mesmo nos dias de hoje, a Umbanda continua sendo invisibilizada e alvo de intolerância e racismo religioso.

Essa marginalização gera preconceitos e constrói imaginários desconectados da realidade. Como afirma o geógrafo Milton Santos (1996, p. 135), “o modelo cívico brasileiro é herdado da escravidão, tanto o modelo cívico cultural como o modelo cívico político. A escravidão marcou o território, marcou os espíritos e ainda hoje também as relações sociais deste país”. Essa herança escravocrata contribui para a subordinação das expressões culturais e religiosas de matriz africana, associando-as à marginalidade e ao preconceito, o que reforça estigmas e desigualdades históricas.

Nesse sentido, a presente pesquisa propõe o resgate e a valorização desses costumes, a fim de promover uma compreensão das religiões de matriz africana como parte integrante e legítima da identidade do povo brasileiro. A partir das leituras iniciais, percebeu-se o quanto os elementos da Umbanda estão presentes no cotidiano da sociedade, seja nas rotinas diárias — com o uso de plantas, chás e benzeções —, seja nas artes, na música, no cinema e nas novelas.

Para este trabalho, escolheu-se realizar um recorte específico desse levantamento: a presença da Umbanda na música popular brasileira, mais especificamente no samba. Pretende-se, assim, fazer um levantamento de sambas que estabeleçam uma ponte entre o sagrado e suas representações na cultura popular, buscando demonstrar como a “macumba” — termo antes pejorativo, usado para desrespeitar e diminuir o conjunto de crenças de matriz africana — está, na verdade, enraizada na cultura brasileira. Ela está entre nós. Dessa forma, será realizada a produção de uma publicação editorial baseada nessas músicas, que exponha a Umbanda como parte do dia a dia, demonstrando que a “macumba” não é

algo a ser temido, odiado ou desrespeitado, mas sim uma expressão legítima do sagrado.

Quanto aos objetivos, a pesquisa apresenta a seguinte indicação:

Objetivo geral:

Desmistificar a religião da Umbanda apresentando os seus elementos como algo do cotidiano brasileiro.

Objetivos específicos:

- Pesquisar sobre músicas que abordem a temática da Umbanda;
- Realizar levantamento bibliográfico sobre a temática da Umbanda; sobre aspectos da brasilidade e de sua representação na sociedade;
- Produzir ilustrações que contribuam para a construção do imaginário a respeito da Umbanda, de forma que desmistifique os olhares preconceituosos;
- Produzir uma publicação editorial que apresenta os símbolos da Umbanda.

Enquanto procedimentos metodológicos, esta pesquisa adotará os seguintes:

- Revisão bibliográfica;
- Diário de campo com visitas feitas em terreiros de umbanda, rodas de samba;
- Análise de conteúdo, utilizando a referência de Laurence Bardin;
- Metodologia de projeto - Design.

O presente trabalho conta com a fundamentação teórica, que sustenta discussões a respeito da religião Umbanda, aprofunda e descreve sobre os Orixás e as Entidades. Na parte da metodologia, é apresentado o diário de campo, com visitas à rodas de samba e terreiros, assim como é feita a decupagem das músicas. Quanto à parte final, conta com o desenvolvimento do produto e resultado final.

1. Religiosidade, Cultura Popular e Design: Fundamentos da Proposta

Este trabalho parte da compreensão de que a Umbanda, enquanto religião brasileira, constitui-se como expressão legítima de uma identidade cultural que foi historicamente marginalizada, mas que permanece viva e resistente nas práticas cotidianas. Para isso, propõe-se uma abordagem fundamentada em três conceitos-chave: religiosidade afro-brasileira, sincretismo religioso e brasilidade, articulados à noção de design como mediação cultural.

A Umbanda é uma religião formada por elementos do catolicismo, do espiritismo kardecista, das tradições dos povos africanos (em especial iorubanos e bantos) e das práticas indígenas, como aponta Luiz Antônio Simas (2018) em **Umbandas: Uma História do Brasil**. Ela é resultado de um processo de resistência e reinvenção cultural, que remonta ao Brasil Colônia, quando práticas como os Calundus e as santidades indígenas já articulavam elementos do sagrado em resposta à colonização.

O termo 'Umbanda', de origem banta (quimbundo), significa 'arte de curar' ou 'magia'. Mais do que uma síntese religiosa, a Umbanda configura um sistema simbólico que expressa modos de vida, valores éticos e cosmologias específicas, onde o corpo, a música, os elementos naturais e os rituais formam um conjunto de práticas de cura e proteção espiritual.

Segundo Roberto DaMatta (1994), o sincretismo no Brasil deve ser compreendido como uma estratégia cultural que permite a coexistência de diferentes crenças, desafiando o modelo europeu de exclusividade religiosa. Na Umbanda, esse sincretismo se expressa na associação entre Orixás e santos católicos — como Ogum e São Jorge, Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes — criando uma complexa teia de significados.

Esse fenômeno não é visto como contradição, mas como expansão da espiritualidade e do cuidado coletivo, revelando a flexibilidade e criatividade da religiosidade popular. Ao apresentar essas relações, o trabalho valoriza o sincretismo não como fusão acrítica, mas como construção simbólica com agência cultural.

A partir das reflexões de Simas e Rufino (2021) em **Fogo no Mato: A Ciência Encantada das Macumbas**, o conceito de brasilidade é aqui compreendido como uma

“comunidade de sentidos”, constituída por práticas, linguagens, resistências e afetos que nascem nas frestas do projeto moderno-colonial do Brasil.

A **brasilidade exusíaca**, como nomeiam Simas e Rufino (2021), refere-se a uma forma de existência marcada pela transgressão criativa, pelo improvisado, pela potência da encruzilhada e pela ruptura com modelos normativos e coloniais de pensar e viver. Trata-se de uma brasilidade que não se acomoda nos trilhos institucionais, mas que se inventa nas brechas — uma brasilidade que carrega o espírito de Exu, orixá mensageiro das encruzilhadas, do movimento, da comunicação e da ambiguidade. Exu, na cosmologia afro-brasileira, representa a mediação entre mundos, a abertura de caminhos e a reinvenção constante da linguagem e da ação. Assim, dizer que a brasilidade é **exusíaca** é afirmar que ela é plural, desconfiada da ordem única, e forjada na mistura, na resistência e na criatividade cotidiana.

Essa perspectiva se expressa na música, na festa, na oralidade, na malandragem, nas práticas religiosas de matriz africana e nas invenções culturais que emergem das margens sociais. O presente trabalho se insere nesse campo ao propor um projeto gráfico que utiliza elementos da cultura popular — em especial o samba — como linguagem de afirmação simbólica. Ao ilustrar composições que fazem referência à Umbanda, o projeto mobiliza o design como uma forma de tornar visível o sagrado que resiste e se reinventa nas frestas do cotidiano brasileiro.

O projeto adota uma perspectiva em que o design é compreendido como prática de mediação cultural. Segundo Bonsiepe (2006), o design possui o potencial de construir discursos visuais que não apenas comunicam, mas também questionam e ressignificam símbolos sociais. Ao estruturar um projeto editorial com base em elementos da cultura afro-brasileira, o design atua aqui como um dispositivo político de afirmação identitária e de enfrentamento a estigmas sociais relacionados às religiões de matriz africana.

Paralelamente, a ilustração assume um papel narrativo e simbólico fundamental. Mais do que complemento visual, ela é compreendida como linguagem autônoma, capaz de articular texto, cultura e subjetividade. De acordo com Silvia Amélia Bim (2013), a ilustração opera como discurso visual, configurando-se como

uma ferramenta poderosa para representar o simbólico e o sagrado, sobretudo quando se propõe a desmistificar imaginários culturais estigmatizados.

1.1 Orixás: Presenças e Narrativas

Na Umbanda, há o culto às nove orixás, sendo eles: Oxalá, Xangô, Iemanjá, Ogum e Oxossi, Oxum, Iansã, Omolu e Nanã. Foram pessoas que já viveram e por seus feitos foram divinizados e associados a forças e energias da natureza, sendo entendidos, então, como avatares de ancestrais divinizados. Em *“Dicionário da história social do samba”* de Nei Lopes e Luiz Antonio Simas, Orixá é conceituado como:

A denominação “orixá” se refere às divindades, masculinas, femininas ou de dupla natureza, de origem iorubana ou nagô, cultuadas no candomblé baiano, no xangô pernambucano e em outras formas deles derivadas. Nos cultos jejes, originários do antigo Daomé, as entidades correspondentes denominam-se “voduns”; e, nos cultos bantos, “inquices”. Essas entidades identificam-se por características, predileções e ritmos específicos; daí, principalmente pelas cores. (Lopes e Simas, 2015, n.p.).

1.1.1. Oxalá

Oxalá é uma das entidades veneradas nas tradições afro-brasileiras, simbolizando a paz, a luz e a criação. Sua cor é o branco, representando pureza e harmonia. Ele é associado às flores brancas, como os lírios, e todas as flores dessa cor que não possuem espinhos.

O dia da semana dedicado a Oxalá é a sexta-feira, momento para invocá-lo e buscar suas bênçãos, é comum o uso de roupas brancas na tentativa de buscar paz e harmonia. O elemento que o representa é o ar, simbolizando leveza, espiritualidade e a conexão com o divino. As saudações direcionadas a ele incluem "Epa Babá", "Epi Babá" e "Exê Uêpa Babá" – expressões de respeito e reverência.

Em relação aos aspectos mais mundanos, a bebida preferida de Oxalá é a água mineral, enquanto os animais que o representam são a pomba branca e o caramujo, simbolizando tranquilidade e paz. Na culinária, pratos como canjica, açaçá e munguzá são frequentemente preparados em sua homenagem.

Os números 10 e 16 têm um significado especial em sua simbologia. A data comemorativa de Oxalá é o dia 25 de dezembro, que também coincide com o sincretismo em relação à Jesus, reforçando temas de renovação e espiritualidade.



Figura 1: Imagem do Orixá Oxalá

Fonte: <https://www.cimaartesorixas.com.br/produtos/orixa-oxala-imagem-umbanda-candomble/>



Figura 2: Imagem de Jesus Cristo

Fonte: <https://haduesotericos.com.br/produtos/estatu-oxala-jesus-cristo-catolico-umbanda-e-candomble-gesso/>

1.1.2. Ogum

Ogum é um dos Orixás mais respeitados nas tradições afro-brasileiras, simbolizando a guerra, a força e a proteção. Suas cores características são o vermelho e o azul-marinho. Ogum é associado à ervas como a lança-de-ogum, coroa-de-ogum, espada-de-ogum e comigo-ninguém-pode, que são frequentemente utilizadas em rituais para invocar sua proteção.

Ogum, além de ser Orixá da guerra, é também da metalurgia e da tecnologia, sendo simbolizado por espadas, ferramentas, ferraduras, lanças e escudos, refletindo sua natureza guerreira e seu papel como protetor dos caminhos e das estradas. As flores associadas à Ogum são a crista-de-galo, os cravos e as palmas vermelhas.

A essência de Ogum é a violeta, e suas pedras sagradas incluem granada, rubi, sardio, lápis-lazuli e topázio azul, todas relacionadas à força e à proteção. Os metais que o representam são ferro, aço e manganês, reforçando seu caráter guerreiro. O dia da semana dedicado a Ogum é a terça-feira, e seu elemento é o fogo, simbolizando transformação, energia e movimento.

A saudação típica é "Ogum iê!", uma expressão de respeito e devoção. Sua bebida preferida é a cerveja branca, e os animais que o simbolizam são o cachorro e o galo vermelho, ambos associados à lealdade e coragem. Na culinária, Ogum é ligado a pratos como inhame (cará), feijão-mulatinho com camarão e dendê, e manga-espada, que são oferecidos em sua homenagem.

O número que o representa é o 3, e suas datas comemorativas são 23 de abril e 13 de junho, quando seus devotos celebram sua força e proteção. No sincretismo, Ogum é frequentemente associado a São Jorge ou Santo Antônio, refletindo sua imagem como defensor contra as adversidades. Assim, Ogum é uma figura de grande importância, simbolizando a luta, a coragem e a vitória sobre os obstáculos.



Figura 3: Imagem do Orixá Ogum

Fonte: (<https://www.chamadofefe.com.br/imagem-de-ogum-em-gesso-22cm-2023-12-30-14-50-39>)



Figura 4: Imagem de São Jorge

Fonte: https://www.hihipresentes.com.br/MLB-1234872261-imagem-estatua-escultura-so-jorge-guerreiro-em-resina-14-cm-_JM

1.1.3. Oxóssi

Oxóssi é o Orixá da caça, das florestas e da caça, reverenciado por sua conexão com a natureza e os animais. Os símbolos que o representam incluem o arco e a flecha, ferramentas essenciais para o caçador e que refletem sua destreza e precisão.

Os pontos da natureza associados a Oxóssi são as matas, onde ele se movimenta livremente, sempre em busca de sustento e proteção. Suas pedras sagradas incluem a esmeralda, a amazonita, a turquesa, o quartzo verde e a calcita verde, todas relacionadas à energia vital e à harmonia com a natureza. Os metais que o representam são o bronze e o latão.

O dia da semana dedicado a Oxóssi é a quinta-feira, um momento propício para honrá-lo e celebrar suas bênçãos. A saudação típica é "Okê Arô", uma expressão de respeito e alegria. Oxóssi aprecia bebidas como vinho tinto, água de coco, caldo de cana e aluá, que são frequentemente oferecidas em suas celebrações.

Os animais que representam Oxóssi incluem o tatu, o veado, o javali e o faisão. Na culinária, ele é associado a pratos como axoxô, frutas, carne de caça, taioba, feijão-fradinho e papa de coco.

O número que o representa é o 6, e sua data comemorativa é o dia 20 de janeiro. No sincretismo, Oxóssi é associado a São Sebastião.



Figura 5: Imagem do Orixá Oxossi

Fonte: <https://www.chamadodefe.com.br/imagem-de-ox-ssi-em-gesso---45cm>



Figura 6: Imagem de São Sebastião

Fonte: <https://www.casadamae.com.br/imagem-de-sao-sebastiao-de-resina-nacional-80-cm/p/aa80305>

1.1.4. Xangô

Xangô é o Orixá que representa a justiça, a força e a proteção. Suas cores características são o marrom e o vermelho. Os símbolos que o representam incluem o machado, que corta para os dois lados, simbolizando o poder de Xangô para trazer justiça e equilíbrio.

Os pontos da natureza associados a Xangô são as pedreiras. As flores que o representam incluem cravos vermelhos e brancos.

As pedras sagradas de Xangô incluem o meteorito, a pirita e o jaspe. O metal associado a ele é o estanho. O dia da semana dedicado a Xangô é a quarta-feira, ideal para invocar suas bênçãos e justiça. Seu elemento é o fogo.

As saudações dirigidas a Xangô são "Kaô Kabecile" e "Opanixé Kaô", expressões que transmitem reverência e alegria. Sua bebida preferida é a cerveja escura, frequentemente utilizada em rituais e celebrações. Os animais que o representam são a tartaruga e o carneiro.

Na culinária, Xangô é associado a pratos como o ajebó e a amalá, que são oferecidos em suas festividades. O número que o representa é o 12, e sua data comemorativa é o dia 24 de junho. No sincretismo, Xangô é frequentemente associado a São João Batista ou São Jerônimo.



Figura 7: Imagem do Orixá Xangô

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-xango-10cm-resina>)



Figura 8: Imagem de São Jerônimo

Fonte: <https://www.imagensbahia.com.br/sao-jeronimo-de-20cm/p/552-20>

1.1.5. Obaluaiê

Obaluaiê, também conhecido como Omolu, é o Orixá associado à saúde, à vida e à morte. Suas cores características são o preto, o vermelho e o branco, além de sua conexão com as forças da natureza. O símbolo que o representa é a cruz.

Os pontos da natureza ligados a Obaluaiê incluem cemitérios. A flor que o representa é o monsenhor-branco.

As pedras sagradas de Obaluaiê são a obsidiana, a ônix e o olho de gato, que estão associadas à proteção e à introspecção. O metal que o representa é o chumbo. O dia da semana dedicado a Obaluaiê é a segunda-feira. Seu elemento é a terra.

A saudação típica é "Atôtô", que significa silêncio e respeito. As bebidas que ele aprecia incluem água mineral e vinho tinto, oferecidas em rituais. Os animais que o representam são a galinha-d'angola, o caranguejo, o peixe de couro e o cachorro.

Na culinária, Obaluaiê é associado a pratos como feijão-preto, carne de porco, deburu (pipoca), abadô (amendoim pilado e torrado), laitpá (folha de mostarda) e Ibrê (bolo de milho envolvido na folha da bananeira).

O número que o representa é o 13, e suas datas comemorativas são 16 de agosto e 17 de dezembro. No sincretismo, Obaluaiê é frequentemente associado a São Roque e São Lázaro.

Obaluaiê é uma figura que simboliza a continuidade da vida, a saúde e a transformação, convidando à reflexão sobre a relação com a natureza e o respeito pelas forças que regem a existência.



Figura 9: Imagem do Orixá Obaluaiê

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-obaluae-em-gesso-22cm>)



Figura 10: Imagem de São Lázaro

Fonte: <https://www.chamadodefe.com.br/imagem-sao-lazaro-em-gesso-19cm>

1.1.6. lemanjá

lemanjá é uma das figuras veneradas nas tradições afro-brasileiras, conhecida como a mãe das águas e protetora dos pescadores. Suas cores características são o branco e o azul claro. Os símbolos que a representam incluem a lua minguante, ondas e peixes, todos ligados à sua essência aquática.

Os pontos da natureza associados a lemanjá são as águas do mar. As flores que a representam incluem a rosa branca, palmas brancas, angélicas, orquídeas e crisântemos brancos. A essência de lemanjá é composta por jasmin, rosa branca, orquídeas e crisântemo.

As pedras sagradas de lemanjá incluem pérola, água-marinha, lápis-lazuli, calcedônia e turquesa, todas ligadas à água e à proteção. O metal que a representa é a prata. O dia da semana dedicado a lemanjá é sábado. Seu elemento é a água, que simboliza a fluidez.

As saudações dirigidas a Iemanjá incluem "Odô iyá" e "Odôci Yaba". As bebidas preferidas de Iemanjá são água mineral e champanhe. Os animais que a simbolizam são peixes, cabra branca, pata ou galinha branca.

Na culinária, Iemanjá é associada a pratos como peixe, camarão, canjica, arroz, manjar e mamão. O número que a representa é o 4, e suas datas comemorativas são 15 de agosto, 2 de fevereiro ou 8 de dezembro.

No sincretismo, Iemanjá é frequentemente associada a Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora da Glória e Nossa Senhora dos Navegantes. Assim, Iemanjá é uma figura que simboliza a força feminina, a maternidade e a abundância das águas.



Figura 11: Imagem do Orixá Iemanjá

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-de-iemanej-em-gesso---45cm>)



Figura 12: Imagem de Nossa Senhora do Navegantes

Fonte: <https://www.imagensbahia.com.br/nossa-senhora-dos-navegantes-de-80cm/p/599-80>

1.1.7. Nanã

Nanã é uma das orixás respeitadas nas tradições afro-brasileiras, associada à sabedoria, à fertilidade e ao ciclo da vida e da morte. Suas cores características são o roxo e o lilás, que simbolizam a espiritualidade e a transformação. O símbolo que a representa é a chuva.

Os pontos da natureza ligados a Nanã incluem lagos, águas profundas, lama, cemitérios e pântanos. As flores que a representam são todas as flores roxas. A essência de Nanã é composta por lírio, orquídea, limão, narciso e dália.

As pedras sagradas de Nanã incluem ametista, cacoxenita e tanzanita. O metal que a representa é o latão ou níquel. O dia da semana dedicado a Nanã é sábado. Seu elemento é uma combinação de água e terra, barro.

A saudação dirigida a Nanã é "Saluba Nanã. Sua bebida preferida é o champanhe. Os animais que a simbolizam são a cabra, a galinha e a pata branca.

Na culinária, Nanã é associada a pratos como feijão-preto com purê de batata-doce, aberum e munguzá. O número que a representa é o 13, e sua data comemorativa é o dia 26 de julho. No sincretismo, Nanã é frequentemente associada a Nossa Senhora de Sant'Ana.

Assim, Nanã é uma figura que simboliza a profundidade da vida, a sabedoria ancestral e a fertilidade.



Figura 13: Imagem do Orixá Nanã

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-de-nana-em-gesso-24cm>)



Figura 14: Imagem de Nossa Senhora de Sant'Ana

Fonte: <https://www.encantosemagias.com.br/produtos/santa-ana/>

1.1.8. Iansã

Iansã, também conhecida como Oyá, é uma orixá poderosa e respeitada nas tradições afro-brasileiras, associada ao vento, aos raios e à transformação. Suas cores características são o marrom, o vermelho, o branco e o rosa. Os símbolos que a representam incluem os raios e o eruexim.

Os pontos da natureza ligados a Iansã são os bambuzais. As flores que a simbolizam são as amarelas ou corais. A essência de Iansã é o patchouli.

As pedras sagradas de Iansã incluem coral, cornalina, rubi e granada. O metal que a representa é o cobre. O dia da semana dedicado a Iansã é a quarta-feira. Seus elementos são o fogo e o ar.

A saudação dirigida a Iansã é "Eparrei Oyá. Sua bebida preferida é o champanhe. Os animais que a representam são a cabra amarela e a coruja.

Na culinária, Iansã é especialmente associada ao acarajé. O número que a representa é o 9, e sua data comemorativa é o dia 4 de dezembro.

No sincretismo, Iansã é frequentemente associada a Santa Bárbara e Santa Joana d'Arc. Assim, Iansã é uma figura que simboliza a força, a transformação e a liberdade.



Figura 15: Imagem do Orixá Iansã

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-de-ians-em-gesso---45cm>)



Figura 16: Imagem de Santa Bárbara

Fonte: <https://www.imagensbrasil.com/todos-os-produtos/santa-barbara-60-cm>

1.1.9. Oxum

Oxum é uma das orixás reverenciadas nas tradições afro-brasileiras, associada ao amor, à beleza e à fertilidade. Suas cores características são o azul e o amarelo, que simbolizam a serenidade e a riqueza. Os símbolos que a representam incluem o coração e a cachoeira, refletindo sua ligação com a água.

Os pontos da natureza associados a Oxum são as cachoeiras e os rios. As flores que a simbolizam são os lírios e as rosas amarelas. A essência de Oxum é composta por lírios e rosas.

As pedras sagradas de Oxum incluem o topázio amarelo ou azul. O metal que a representa é o ouro. O dia da semana dedicado a Oxum é sábado. Seu elemento é a água.

A saudação direcionada a Oxum é "Ora ye ye o!". Sua bebida preferida é o champanhe. O animal que a representa é a pomba.

Na culinária, Oxum é associada a pratos como omolocum, ipeté, quindim, banana frita, moqueca de peixe e pirão feito com cabeça de peixe. O número que a representa é o 5, e sua data comemorativa é o dia 8 de dezembro.

No sincretismo, Oxum é frequentemente associada a diversas manifestações de Nossa Senhora, como Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora das Cabeças e Nossa Senhora de Nazaré. Assim, Oxum simboliza a beleza, a fertilidade e o amor.



Figura 17: Imagem do Orixá Oxum

Fonte: (<https://www.chamadofefe.com.br/imagem-de-oxum-em-gesso---45cm>)



Figura 18: Imagem de Nossa Senhora de Aparecida

Fonte: <https://www.chamadofefe.com.br/imagem-nossa-senhora-aparecida-30cm>

1.2 Entidades

Na Umbanda, também cultua-se as entidades, que são espíritos que tiveram uma vivência em terra. Durante os trabalhos em terreiros, se acoplam aos médiuns, incorporam, e fazem um trabalho de auxiliar os vivos. Essas entidades se apresentam em linhas e falanges sendo elas Caboclos, Erês (crianças), Preto-Velhos, Baianos, Boiadeiros, Ciganos, Marinheiro, Malandros, Exu e Pombagira, entre outras.

1.2.1. Pretos Velhos

Pretos Velhos são espíritos de pessoas pretas que foram escravizadas. Carregam grande sabedoria, paciência e humildade. Seu dia da semana é segunda-feira. Suas bebidas preferidas são café, cachaça com mel, vinho moscatel ou vinho tinto. Costumam fumar cachimbo ou cigarro de palha. As comidas associadas são bolo de fubá, canjica e bolinho de tapioca. Suas cores são o branco e o preto. Nomes comuns incluem Pai Antônio, Pai João, Pai Francisco, Vovó Benedita, Vovó Maria Conga e Vovó Maria do Rosário. A saudação tradicional é: “Adorei as almas”.



Figura 19: Imagem de um casal de Pretos-velhos

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-casal-de-preto-velho-14cm>)

1.2.2. Caboclos

São espíritos de indígenas brasileiros, associados à força da natureza e à sabedoria ancestral, as matas são seus pontos de forças mais comuns, mas também pode-se considerar rios e cachoeiras. Os dias da semana são as quintas-feiras. Suas bebidas são vinho tinto e água de coco, e também fumam cachimbo ou cigarro de palha. As comidas oferecidas incluem frutas e milho. A cor associada é o verde. Nomes comuns são Sete-Flechas, Arranca-Toco, Mata-Virgem, Cabocla Jacira, Cabocla Jurema e Cabocla Jarina. A saudação é: “Okê Caboclo!”.



Figura 20: Imagem do Caboclo Pedra Preta

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-caboclo-pedra-preta-gesso-18cm>)



Figura 21: Imagem da Cabocla iara

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-cabocla-iara-gesso-20cm>)

1.2.3. Baianos

São espíritos que em vida viveram no Nordeste do Brasil, pessoas simples que enfrentaram a vida com bom humor e fé. O dia de cultuá-los é às terças-feiras. Bebem cachaça e água de coco e fumam cigarro de palha. Comem rapadura e cocada. As cores predominantes são amarelo e laranja, mas podem vestir roupas com outras cores, usam chapéus de palha ou couro. Nomes comuns incluem Zé do Coco, Maria Baiana, Severino, Severina e Maria do Balaio. Saudação: “É da Bahia! Salve os Baianos!” ou “Okê baiano”.



Figura 22: Imagem de uma Baiana

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-baiana-gesso-21-cm>)



Figura 23: Imagem de um Baiano

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-baiano-gesso-21cm>)

1.2.4. Boiadeiros

São espíritos de trabalhadores do campo, como peões, lavradores, violeiros e etc. Trabalham nas quartas-feiras. Suas bebidas são cachaça com mel, vinho ou cerveja. Fumam cigarro, cigarro de palha ou charuto. Os alimentos ofertados incluem arroz carreteiro, carne seca, feijão tropeiro, frutas cítricas, mel e pimenta. Suas cores são branco e marrom. Nomes comuns são Tião Boiadeiro, Zé Boiadeiro e Zé do Laço. Saudação: “Xetruá” ou “Jetruá, Boiadeiro!”.



Figura 24: Imagem de um Boiadeiro

Fonte: (<https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-978104608-escultura-boiadeiro-com-boi-imagem-100-em-gesso-c-35-cm- JM>)



Figura 25: Imagem de uma Boiadeira

Fonte: (<https://www.caldeiraoaromatico.com.br/boiadeira-20cm>)

1.2.5. Ciganos

Espíritos ligados às culturas nômades dos povos ciganos, apreciam elementos como cristais, tarot, flores e moedas. Atuam nas quartas-feiras. Bebem vinho e se alimentam de frutas. Suas cores são variadas. Nomes comuns incluem Cigano Pablo, Cigano Ramirez, Cigano Juan, Madalena, Yasmin e Sarita. A saudação é: “Optchá! Salve o povo cigano!”.



Figura 26: Imagem da Cigana Carmecita

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-cigana-carmecita>)



Figura 27: Imagem do Cigano Igor

Fonte: <https://www.chamadodefe.com.br/imagem-cigano-igor>

1.2.6. Eres (crianças)

São espíritos de crianças, cheios de alegria e inocência. Atuam aos domingos. Bebem refrigerante e comem doces, bolo e balas. Suas cores são azul e rosa. Nomes comuns são Joãozinho, Mariazinha, Rosinha e Pedrinho. Saudação: “Oni Ibejada!”.



Figura 28: Imagem do Erê Pedrinho

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-ere-pedrinho-gesso-17cm>)



Figura 29: Imagem da Erê Mariazinha

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-de-ere-mariazinha-15cm>)

1.2.7. Marinheiros

Espíritos que em vida viveram do mar ou de rios, têm um andar que lembra o balanço de um barco. Trabalham aos sábados. Suas bebidas são rum (a preferida), uísque, vodca, vinho e cachaça. Fumam charuto, cigarro ou cigarrilha. Oferta-se peixe assado, frutos do mar e frutas. Suas cores são azul claro e branco. Nomes comuns: Martin Pescador, Maria do Cais, Chico do Mar. Saudação: “Salve a Marujada!”.



Figura 30: Imagem de um Marinheiro

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-de-marinheiro---25cm>)

1.2.8. Malandros

Eram boêmios em vida, ligados à vida noturna, bares e jogatina, mas também eram carismáticos e sabiam como ajudar a comunidade. No Nordeste, são associados à Jurema; no Rio de Janeiro, ao malandro da Lapa. Atuam às terças-feiras. Bebem cerveja (principalmente), cachaça e uísque. Fumam cigarro e, às vezes, charuto. Suas cores são vermelho e branco. Nomes comuns incluem Zé Pilintra, Maria Navalha, Maria do Cais e Zé Pretinho. Saudação: “Salve a malandragem!”.



Figura 31: Imagem de Maria Navalha

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-navalha-preta-e-vermelha>)



Figura 32: Imagem de Zé Pilintra

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-ze-pilintr-em-gesso-30cm>)

1.2.9. Exu

Na Umbanda, são guardiões e agentes da lei divina. Trabalham nas encruzilhadas e são ligados à justiça espiritual. Em vida, passaram por experiências difíceis e, após aprenderem com elas, trabalham para o bem. Fumam cigarro e charuto. Atuam nas segundas-feiras. Bebem cachaça e uísque, e utilizam cartola,

capa, adagas e bengalas. Suas cores são vermelho e preto. Nomes comuns incluem Tranca-Rua, Marabô, Sete Encruzilhadas e Caveira. Saudação: “Laroyê Exu! Exu é Mojubá!”.



Figura 33: Imagem de Exu Tranca Rua das Almas

Fonte:

(<https://www.lojacasafe.com.br/loja/produto/imagem-em-gesso-exu-tranca-rua-das-almas-com-tridente-21cm/>)

1.2.10. Pombogira

São espíritos femininos com forte ligação com os Exus. Muitas passaram por vidas marcadas por dor, injustiça ou repressão. Algumas foram prostitutas, outras freiras, bruxas ou escravas. Trabalham nas segundas-feiras. Suas bebidas incluem vinho rosé, vinho tinto, espumante e uísque bourbon. Fumam cigarros e cigarrilhas. Suas cores são vermelho e preto. Nomes comuns: Maria Padilha, Maria Mulambo,

Maria Quitéria, Maria Farrapo e Rosa Caveira. Saudação: “Laroyê Pombogira! Pombogira é Mojubá!”.



Figura 34: Imagem da Pomba gira Rainha

Fonte: (<https://www.chamadodefe.com.br/imagem-pomba-gira-rainha-gesso>)

A escolha de representar a Umbanda por meio de um projeto editorial ilustrado encontra respaldo teórico nas reflexões de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2021), que compreendem a macumba como um campo simbólico e poético de reexistência. No livro *Fogo no Mato: A Ciência Encantada das Macumbas*, os autores propõem uma ressignificação do termo “macumbeiro”, entendendo-o como uma figura de caráter brincante e político, capaz de subverter os sentidos pejorativos historicamente atribuídos à religiosidade de matriz africana. Nessa perspectiva, o macumbeiro é aquele que reconhece a beleza e a sofisticação das diferenças, e que atua na ampliação das gramáticas do mundo por meio do encantamento, da fala poética e da ancestralidade.

A própria palavra “macumba” tem origem provável no quicongo “kumba”, que pode ser traduzido como “feiticeiro” ou “encantador de palavras”. Ao resgatar esse

significado ancestral, Simas e Rufino associam a macumba a uma terra de encantadores — de corpos, de palavras e de existências. Assim, o projeto gráfico desenvolvido neste trabalho também pode ser compreendido como um gesto de encantamento visual, uma tentativa de representar, por meio da linguagem do design e da ilustração, a pluralidade dos sentidos contidos nas práticas da Umbanda.

Esse entendimento está intimamente ligado ao conceito de brasilidade, que segundo Simas (2021), é uma comunidade de sentidos marcada por contradições, afetos, naufrágios e reinvenções. A brasilidade, nesse sentido, não é uma essência fixa, mas uma resposta vital e transgressora ao “empreendimento de ódio” que estrutura parte da história brasileira. Ela se manifesta nas frestas do institucional, nos ritos populares, na música, na oralidade e na religiosidade — campos onde o sagrado se entrelaça ao cotidiano de forma criativa e resistente. A Umbanda, ao congregar diferentes tradições — africanas, indígenas e católicas — é uma das expressões mais nítidas dessa brasilidade encantada.

Essa multiplicidade também é explorada por Roberto DaMatta (1984), que destaca a convivência natural, no Brasil, entre o catolicismo e os cultos afro-brasileiros. Para o autor, é comum que um mesmo indivíduo seja devoto de santos católicos e também de orixás, sem que isso represente contradição. O sincretismo, nesse contexto, é uma estratégia de ampliação espiritual e de proteção, onde o sagrado é relacional, plural e complementar. DaMatta argumenta que, enquanto o mundo moderno exige coerência e exclusividade, o campo religioso brasileiro permite misturas, sobreposições e simultaneidades.

A Umbanda, assim como outras manifestações afro-brasileiras, articula-se como um espaço de síntese cultural e espiritual, historicamente formado a partir de processos de resistência. Desde os registros coloniais, como as “santidades” descritas por Manoel da Nóbrega em 1549, até os ritos de Calundu no século XVIII, já se nota a presença de práticas que combinam pajelança, catolicismo e ancestralidade africana. Embora a fundação oficial da Umbanda seja atribuída ao médium Zélio Fernandino de Moraes em 1908, os elementos que compõem essa tradição já estavam presentes no cotidiano brasileiro desde o período colonial.

Essa capacidade de adaptação e absorção é expressa na noção de *mooyo*, termo do povo Congo que se refere à força vital presente em todas as coisas. Para os povos de matriz banto, o contato com outros sistemas simbólicos — como os ritos católicos ou as manifestações indígenas — não enfraquece essa força, mas a fortalece. O sincretismo, portanto, não é uma perda de identidade, mas uma ampliação cosmológica.

Esses referenciais teóricos oferecem suporte ao projeto gráfico aqui desenvolvido, permitindo compreendê-lo não apenas como um produto editorial, mas como um gesto de valorização simbólica. Ao ilustrar sambas que evocam a presença do sagrado afro-brasileiro no cotidiano, o trabalho atua na contramão da exclusão histórica e imagética da Umbanda, oferecendo outras possibilidades de reconhecimento e pertencimento por meio do design.

2. Metodologia

Agora peço licença para utilizar meu texto em primeira pessoa para trazer algumas experiências de diário de campo que realizei.

2.1 Diário de campo

2.1.1. Rodas de samba

No dia 30 de abril, fui ao Centro Cultural Mercado Popular da 74. Todos os dias são oferecidos shows ao vivo, e às quartas-feiras é dia de samba no mercado. Cheguei ao local às 19 horas para encontrar um amigo. Quase não consegui uma mesa — a banda ainda estava passando o som, mas o ambiente já estava lotado. O público variava entre crianças e idosos; havia mesas grandes comemorando aniversários, mesas com famílias e até colegas de trabalho aproveitando o *happy hour*.

Assim que a banda começou, parte do público se levantou e foi para perto do palco. As pessoas dançavam e batiam palmas no ritmo das músicas. Vi um casal dançando com a filhinha, que devia ter uns 4 anos de idade, em uma mesa próxima à minha. O grupo que estava tocando se chama **Roda de Samba do Xandão**,

relativamente famoso no cenário do samba em Goiânia e bastante frequente no Mercado da 74 — o que explica a grande quantidade de pessoas presentes no local.

Entre as músicas tocadas, a primeira que me chamou atenção foi **Meu Lugar**, do Arlindo Cruz. A música fala do bairro de Madureira, no Rio de Janeiro, e cita os Orixás Ogum e Iansã. Logo em seguida, tocaram **Ogum, Quando a Gira Girou, Minha Fé**, músicas interpretadas por Zeca Pagodinho. Durante todas essas apresentações, o público dançava e batia palmas no mesmo ritmo que se bate dentro do terreiro durante as giras, independentemente de serem músicas que falassem de macumba. Ao fim da apresentação, depois do bis e da despedida, o grupo tocou **Dói, Dói, Dói, Dói**, um ponto de Pombagira bastante famoso. O público, em clima de despedida, permaneceu de pé e batendo palmas.

No domingo, dia 18 de maio, fui a outra roda de samba — desta vez, no bar Prosperidade Cultural, no famoso Beco da Codorna. O grupo que se apresentaria era o **Clube do Samba**, também relativamente conhecido no cenário do samba em Goiânia. Fui com uma amiga e, ao entrar no beco, já podíamos ouvir a música tocando. Por ser domingo e o bar não ser tão conhecido quanto o Mercado da 74, o ambiente estava bem mais vazio.

Ao longo da noite, todas as músicas em que eu identificava elementos de macumba, eu procurava a letra e o nome na internet e anotava. Foram elas: **Reza do Samba, Povo de Santo, Oyá Sorriso Negro, Yaô, Banho de Folhas, Quando Te Vi Chorar, Ogum, Lendas da Mata**.

Trecho da música **Reza do Samba**:

*“[...] Ilumina o meu terreiro
O canto pros Orixás
A luta de um guerreiro
Legado dos ancestrais
O Ogan bate o tambor
Firma o ponto batuqueiro
Samba do Trabalhador
Um quilombo brasileiro [...]”*

Trecho da música **Povo de Santo**:

*"[...] Mas por favor
Respeita meu alquidar
Respeita o povo de santo
Que eu respeito o seu altar*

*Mas por favor
Respeita meu Orixá...
Respeita o povo de santo
Que eu respeito o seu altar."*

Trecho da música **Oya Sorriso Negro** (Oya é outro nome para a orixá Iansã):

*"[...] Tanta gente de bem que só tem mal pra dar
Será que a força da fé que carrega nosso viver
Pode mover montanhas pra gente poder passar
É a nossa oração pedindo pra Deus, Oyá [...]*

(Oyá)

(Oyá)

(Oyá)

Trecho da música **Yaô** (Yaô é um filho de santo que ainda está em processo de desenvolvimento e aprendizado após a feitura de santo):

*"[...] No jacutá de preto velho
Há uma festa de yaô*

*Ôi tem nêga de Ogum
De Oxalá, de Iemanjá [...]"*

Trecho da música **Banho de Flonhas**:

*"[...] Vou pedir a oxalá
Oxalá quem guia
Oxalá quem te mandou [...]"*

Trecho da música **Quando Te Vi Chorando:**

*"[...] Te amei com a fé de um cristão
Fiz teu nome bendito ser minha oração
Eu dancei, toquei no candomblé
E a tua "dígina" foi o meu axé [...]"*

Trecho da música **Lendas da Mata:**

*"O saci rodopiou
Ventania na palhoça
Sinhazinha bambeou
Deu mironga lá na roça"*

Durante toda a apresentação, os músicos pediam sugestões da plateia. Eu não consegui ouvir o que estavam sugerindo, mas os músicos pediam calma e diziam que atenderiam aos pedidos ao final. Após a despedida, o grupo cantou: **Saudação a Oxóssi, Dói, Dói, Dói, Dói, Dói, Barraca Velha, Casa Pequenina, Arreda Homem que Lá Vem Mulher, Quando Passar na Porta do Cemitério** e finalizaram com **Deu Meia-Noite** — todos pontos de macumba tocados dentro do terreiro durante as giras:

- **Dói, Dói, Dói, Dói, Dói:** ponto de Pombagira;
- **Barraca Velha:** ponto de Cigana;
- **Casa Pequenina:** ponto de Malandro;
- **Arreda Homem que Lá Vem Mulher:** ponto de Pombagira;
- **Quando Passar na Porta do Cemitério:** ponto de Pombagira;
- **Deu Meia-Noite:** ponto de Exu

2.1.2. Visita ao terreiro Morada do Cruzeiro

Minha primeira visita ao terreiro foi no dia 3 de abril de 2024. Era um dia chuvoso e, como eu sabia que as giras ocorriam numa área descoberta, me programei para chegar às 19 horas, momento da abertura dos portões. Ao chegar lá, tive uma surpresa: o terreiro estava lotado. Peguei a senha de número 136. Mesmo com chuva e sem cobertura, o local estava completamente cheio.

A gira começou às 19h30, conforme o programado. Como eu já havia visitado outros terreiros, entendia que havia toda uma ritualística para o início das consultas. O Babalorixá foi o primeiro a incorporar. Era uma gira de Exu e Pombogira, e fiquei encantado quando a Rainha do Cruzeiro baixou em terra e girou a sua saia. Infelizmente, não consegui ficar para a consulta nesse dia — o relógio marcou 23 horas e ainda faltavam muitos números. Optei por ir embora e voltar outro dia.

Retornei em meados de agosto ao Morada, novamente para uma gira de Exu e Pombogira. Dessa vez, me preparei melhor: cheguei cedo, por volta das 17 horas, e já havia uma pequena fila se formando. Eu devia ser o sétimo ou oitavo. O portão só abre às 19 horas, então esperei na calçada observando a fila crescer. Enquanto aguardava, pessoas passavam na rua e diziam frases como: “Só Deus salva” ou “Vamo pra igreja, pessoal”.

Entrei e esperei minha senha ser chamada. Naquele dia, fui atendido por Maria Farrapo, uma Pombogira toda trajada de vermelho. Ela cruzou a guia que levei com um perfume forte e doce. Enquanto esperava, prestava atenção no ritmo que o Ogã tocava e percebi uma semelhança com a batida tradicional do *funk*.

Continuei visitando o terreiro toda quarta-feira, conhecendo as diferentes linhas de trabalho e entendendo ainda mais as ritualísticas e os símbolos que cada entidade usa. Os Pretos-Velhos estão sempre com suas bengalas, chapéus de palha e rosários nas mãos. Alguns fumam cigarro de palha, outros usam cachimbo, e todos estão sempre prontos a oferecer um “colo”.

As giras de Baiano são super animadas e têm uma energia contagiante. Os Baianos são brincalhões e conduzem a conversa num tom leve. Costumam compartilhar pinga e rapadura com os consulentes. As Pombogiras estão sempre

muito perfumadas, com vestidos longos, leques e chapéus. Os Exus, com suas capas e chapéus, fumam cigarro e charuto, bebendo de cachaça a uísque.

No Morada, os Caboclos não fazem consulta — apenas dão passe durante a gira de Baiano. Sua passagem é rápida, mas o cheiro do fumo é marcante. Na última gira de Baianos, os Caboclos dançaram e iniciaram uma “dança” que logo se tornou ritmada. Em pouco tempo, todos estavam no mesmo compasso, batendo os pés juntos.

Os Ciganos são dançantes e suas roupas são sempre estampadas e coloridas. No Morada do Cruzeiro, em dias de Exu e Pombogira, há um médium que recebe Zé Pelintra. Gosto de ver sua chegada, pois ele vem sambando e dançando no meio das Pombogiras — é algo lindo de presenciar.

“O sagrado do outro ajuda o meu sagrado, e o meu sagrado ajuda o do outro.” Essa foi a frase com que o Babalorixá abriu uma gira, e ficou marcada para mim. Percebi que muitas vezes as pessoas procuram o terreiro em busca de ajuda para problemas que estão enfrentando, mas algumas apenas desejam ouvir uma palavra amiga ou um conselho.

O Morada do Cruzeiro teve que se despedir do endereço onde estive nos últimos anos, após o dono do local passar na porta e descobrir que estava funcionando um terreiro de macumba em seu lote alugado. O dono pediu o lote, o terreiro teve que se mudar, cancelando as giras do mês de junho.

2.2 Decupagem das músicas

A análise de sambas e suas conexões com a Umbanda revela uma rica e profunda relação entre a música popular brasileira e as práticas religiosas afro-brasileiras. O samba, gênero musical de origem afro-brasileira, carrega em suas letras, ritmos e melodias, uma vasta gama de influências culturais e espirituais que dialogam com os elementos da Umbanda, religião que também tem suas raízes nas tradições africanas, indígenas e no catolicismo. A Umbanda, conhecida por suas manifestações espirituais e rituais de cura, também se expressa por meio da música, os chamados pontos, músicas cantadas dentro do terreiro durante a gira. Este trabalho busca explorar como o samba, além de ser um símbolo de resistência e identidade,

reflete, em suas letras e nos seus toques, os elementos dessa religiosidade, trazendo à tona a sinergia entre a festa, a celebração e a espiritualidade.

Através dessa análise, pretende-se compreender como essas músicas não apenas narram as histórias da cultura popular, mas também atuam como um veículo de comunicação dentro do contexto umbandista e nesse sentido podemos perceber o quanto esses elementos fazem parte de nossas trilhas sonoras cotidianas. Inicialmente houve uma pesquisa de músicas populares brasileiras que citassem distintos elementos da Umbanda, foram reunidas 236 músicas de diferentes ritmos de acordo com essas características, em uma playlist no Spotify, com uma média de treze horas. Posterior a essa escuta foi realizada uma seleção para fins de decupagem e análise de 14 músicas que estão descritas abaixo.

A análise das músicas foi orientada pela metodologia de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011), estruturada em três etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. No contexto deste trabalho, a **pré-análise** correspondeu à escuta atenta de um corpus inicial composto por 236 músicas da cultura popular brasileira que fazem referência à religiosidade afro-brasileira. Esse repertório foi reunido com base na presença de termos, personagens ou rituais ligados à Umbanda.

Na fase de **exploração do material**, foram destacados trechos das letras que mencionavam diretamente orixás, entidades espirituais, práticas ritualísticas (como gira, ponto, oferendas) ou expressões sincréticas entre o catolicismo e a Umbanda. Esses fragmentos foram organizados em categorias temáticas como “entidades e orixás”, “sincretismo religioso”, “rituais e práticas”, entre outras.

Na etapa de **tratamento e interpretação dos resultados**, os conteúdos identificados foram analisados qualitativamente, a fim de compreender os sentidos simbólicos, os imaginários construídos e a forma como essas referências se manifestam nas composições como expressões da cultura viva. Os núcleos de sentido encontrados serviram de base para o desenvolvimento do projeto gráfico, guiando a criação das ilustrações e a seleção dos elementos visuais a serem empregados.

O uso da análise de conteúdo permitiu identificar recorrências e padrões simbólicos nas letras, revelando como a Umbanda aparece não apenas como referência religiosa, mas como parte integrante da cultura, da linguagem e da

identidade popular brasileira. Tal metodologia contribuiu significativamente para transformar as músicas em fontes interpretativas e de inspiração visual no processo de criação do projeto editorial.

Nome: Ogum

Estilo: Samba dolente

Compositor: Marquinho PQD e Claudemir

Intérprete: Zeca Pagodinho, Part. Jorge Ben Jor, Maria Bethania, Djonga

Ano de lançamento: 2008

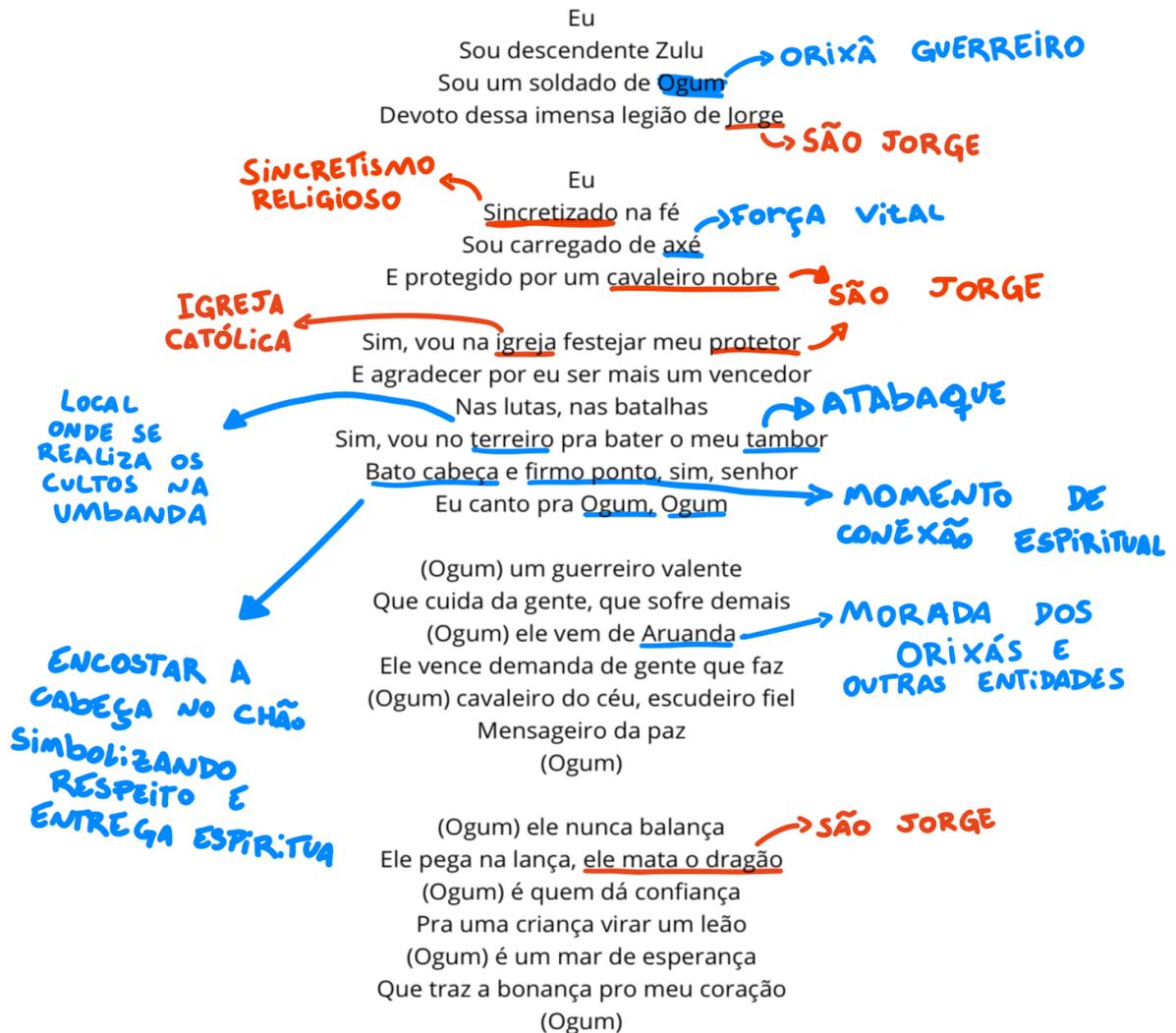
Contexto histórico:

Tema geral: Homenagem ao [orixá Ogum](#), bem como ao santo [católico São Jorge](#), com o qual Ogum é [sincretizado](#).

Nível de popularidade: 9.402.980 visualizações no Youtube

Elementos da Umbanda: Ogum, São Jorge, Axé, Terreiro, Aruanda, Terreiro, Bater cabeça, Firmar ponto.

Ogum



■ → TUDO RELACIONADO A Ogum E a Umbanda

■ → TUDO RELACIONADO A SÃO JORGE E AO CATOLICISMO

ORAÇÃO DE SÃO JORGE

Ogum)

Deus adiante, paz e guia
Encomendo-me a Deus e a Virgem Maria, minha mãe
Os 12 apóstolos, meus irmãos
Andarei neste dia e nesta noite
Com meu corpo cercado, vigiado e protegido
Pelas armas de São Jorge

São Jorge sentou praça na cavalaria
Eu estou feliz, porque eu também sou da sua companhia
Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge
Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem
Tenham mãos e não me peguem, não me toquem
Tenham olhos e não me enxerguem
E nem em pensamento eles possam ter para me fazerem mal

Armas de fogo o meu corpo não alcançará
Facas e lanças se quebrem se o meu corpo tocar
Cordas e correntes se arreentem sem o meu corpo amarrar
Pois eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge

Jorge é da Capadócia
Salve, Jorge

Nome: A Deusa dos Orixás

Estilo: Samba e pagode, Mpb

Compositor: Toninho Nascimento e Romildo Bastos

Intérprete: Clara Nunes

Ano de lançamento: 1975

Contexto histórico: Ditadura militar

Tema geral: um triângulo amoroso entre Iansã, Ogum e Xangô

Nível de popularidade: 6.501.313 visualizações

Elementos da Umbanda: Ogum, Iansã, Nanã, Xangô, referência a Aruanda.

Deusa dos Orixás

ORIXÁ GUERREIRA
ASSOCIADA AOS VENTOS E TEMPESTADES

ORIXÁ DA GUERRA E DO FERRO

Iansã, Cadê Ogum?
Foi pro mar!
Mas Iansã, Cadê Ogum?
Foi pro mar!

Iansã penteia
Os seus cabelos macios
Quando a luz da lua cheia
Clareia as águas do rio
Ogum sonhava
Com a filha de Nanã
E pensava q as estrelas
Eram os olhos de Iansã

ORIXÁ DO BARRO ASSOCIADA A SABEDÓRIA E FERTILIDADE

Mas Iansã, Cadê Ogum?
Foi pro mar!
Mas Iansã, Cadê Ogum?
Foi pro mar!

Na terra dos orixás
Um amor se dividia
Entre um deus que era de paz
E outro deus que combatia
Como a luta só termina
Quando existe um vencedor
Iansã virou rainha na coroa de Xangô

ARUANDA
XANGÔ
OGUM

ORIXÁ DA JUSTIÇA E DAS TEMPESTADES

Mas Iansã, Cadê Ogum?
Foi pro mar!
Iansã, Cadê Ogum?
Foi pro mar!

■ ELEMENTOS DA
UMBANDA

Nome: Minha fé

Estilo: Pagode

Compositor: Murilão Da Boca Do Mato

Intérprete: Zeca Pagodinho

Ano de lançamento: 1998

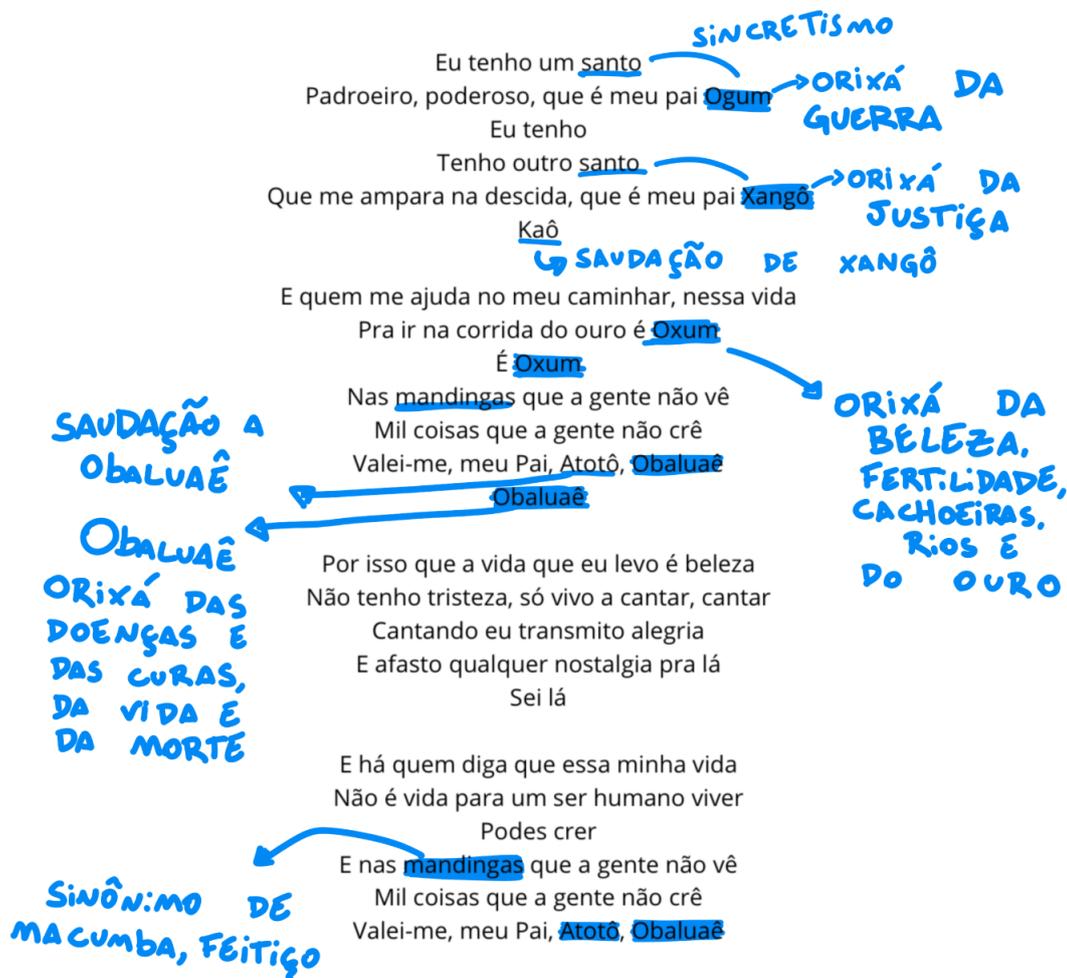
Contexto histórico:

Tema geral: A importância de seus santos padroeiros, atribuindo a eles o mérito por sua felicidade e capacidade de superar as adversidades

Nível de popularidade: 28.086.035 visualizações

Elementos da Umbanda: Ogum, Xangô, Kaô, Oxum, Obaluaê, Atotô, Mandinga.

Minha Fé



■ ELEMENTOS DA

Umbanda

Nome: Corpo Fechado

Estilo: Samba e pagode, MPB

Compositor: Roque Augusto Ferreira e Telma Regina Simas Guerra T. Dias

Intérprete: Alcione

Ano de lançamento: 2005

Contexto histórico:

Tema geral: A narrativa começa com a descrição de atos de devoção, simbolizando a busca por iluminação e ajuda divina, para esquecer um amor.

Nível de popularidade: 2.684.219 visualizações

Elementos da Umbanda: Congá, rituais de proteção (corpo fechado), saravá, Preta-Velha, Canjerê.

Corpo Fechado

Ajoelhei no congá pra te esquecer
Acendi vela pra Deus me iluminar
Fui na Bahia fazer um canjerê
Num cortejo de fé andei no mar
Nem te conto as bocadas que zuei
Com tanta promessa de dor pra cumprir
Entre umas e outras eu fumei
Me entoquei, num cafofo em Acari

Na cachoeira de noite, me banhei
Pra lavar teu perfume barato, que ficou
Nem sei mais quantas bocas beijei
Em quantas madrugadas molhei meu cobertor

Ainda bem que yovô saravô
Ainda bem que yovô saravô
Minha vó é show de bola
Aprende lá em Angola
Encontrou meu corpo aberto e fechou

Ainda bem que yovô saravô
Ainda bem que yovô saravô
Minha vó é show de bola
Aprende lá em Angola
Encontrou meu corpo aberto e fechou

Não tô mais na tua cola
Tirei meu pé da argola
Não tem caô

ALTAR
AGRUPAMENTO DE PESSOAS PARA PRÁTICAS DE FEITIÇARIA
DOMÍNIO DE IEMANJÁ
DOMÍNIO DE OXUM
PRETA VELHA
SARAVÁ SAUDAÇÃO
RITUAL DE PROTEÇÃO
PAÍS AFRICANO

Nome: Quando A Gira Girou

Estilo: samba e pagode

Compositor: Claudinho Guimarães

Intérprete: Zeca Pagodinho

Ano de lançamento: 2006

Contexto histórico:

Tema geral: A música fala sobre lealdade e ao apoio incondicional que pode ser oferecido por pessoas, entidades ou orixás nos momentos difíceis da vida.

Nível de popularidade: 70.996.473 visualizações

Elementos da Umbanda: Gira, axé.

Quando a Gira Girou

O céu de repente anuviou
E o vento agitou as ondas do mar
E o que o temporal levou
Foi tudo que deu pra guardar
Só Deus sabe o quanto se labutou

Custou, mas depois veio a bonança
E agora é a hora de agradecer
Pois quando tudo se perdeu
E a sorte desapareceu
Abaixo de Deus, só ficou você

Quando a **gira girou**
Ninguém suportou
Só você ficou
Não me abandonou
Quando o vento parou
E a água baixou
Eu tive a certeza do seu amor

Quando tudo parece que está
perdido
É nessa hora que você vê
Quem é parceiro, quem é bom amigo
Quem tá contigo, quem é de correr

A sua mão me tirou do abismo
O seu **axé** evitou o meu fim
Me ensinou o que é companheirismo
E também a gostar de quem gosta de mim

Quando a **gira girou**
Ninguém suportou
Só você ficou
Não me abandonou
Quando o vento parou
E a água baixou
Eu tive a certeza do seu amor

Na hora que a gente menos espera
No fim do túnel, aparece uma luz
A luz de uma amizade sincera
Pra ajudar carregar nossa cruz

Foi Deus quem pôs você no meu caminho
Na hora certa, pra me socorrer
Eu não teria chegado sozinho a lugar nenhum

Nome: Vou Botar Teu Nome Na Macumba

Estilo: Samba

Compositor: Zeca Pagodinho e Dudu Nobre

Intérprete: Dudu Nobre , Zeca Pagodinho

Ano de lançamento: 2004

Contexto histórico:

Tema geral: A música descreve com detalhes os ingredientes e elementos usados para fazer macumba para outra pessoa

Nível de popularidade: 35.184.941 visualizações

Elementos da Umbanda: Macumba, quizumba, feitiço, mandinga e os ingredientes para jogar macumba em alguém

Vou Botar Teu Nome Na Macumba

BAGUNÇA → **FEITIÇO**
Eu vou botar teu nome na macumba
Vou procurar uma feiticeira
Fazer uma quizumba pra te derrubar, o iá iá
Você me jogou um feitiço, quase que eu morri
Só eu sei o que sofri
Que Deus me perdoe mas vou me vingar

Eu vou botar o teu retrato num prato com pimenta
Quero ver se você guenta a mandinga que eu vou te jogar
Raspa de chifre de bode, pedaço de rabo de jumento
Tu vais botar fogo pela venta e comigo não vai mais brincar

Asa de morcego, corcova de camelo pra te derrubar
Uma cabeça de burro, pra quebrar o encanto do seu patuá
Olha tu podes ser forte mas tem que ter sorte para te salvar
Toma cuidado comadre com a mandinga que eu vou te jogar

→ **SINÔNIMO
DE MACUMBA**

**■ ELEMENTOS DA
UMBANDA**

Nome: Só Ôme

Estilo: Samba

Compositor: Edenal Rodrigues

Intérprete: Zeca Pagodinho

Ano de lançamento: 2013

Contexto histórico:

Tema geral: A música é uma conversa direta, quase paternal, onde possivelmente um Preto-Velho aconselha o protagonista a buscar auxílio espiritual, especificamente de uma entidade conhecida como "Ôme" (possivelmente um Exu).

Nível de popularidade: 2.759.156 visualizações

Elementos da Umbanda: Marafó, encruzilhada, feitiço, o Ôme (Exu)

Só o Ôme

MANEIRA // Ah, meu filho, do jeito que suncê tá só o ôme é qui pode ti ajudá //
Ah, meu filho, do jeito que suncê tá só o ôme é qui pode ti ajudá

TÍPICA DE ENTIDADES MAIS VELHAS FALAREM Você compra garrafa de **marafó** → **CACHAÇA, BEBIDA QUE SE OFERTA PARA EXU**
Marafó (É marafó) que eu vou dizer o nome
Meia-noite tu vai na **encruzilhada**
Distampa a garrafa e chama o **ôme** → **DOMÍNIO DE EXU**
O **galo** vai cantar, você escuta → **ANIMAL PREFERIDO DE EXU**
Rêia tudo no chão que tá na hora
E se o guarda noturno vem chegando **EXU**
Você olha pra ele que ele sai andando

Ah, meu filho, do jeito qui suncê tá só o ôme é qui pode ti ajudá...

Eu estou ensinando isso a você
Mas você não tem sido muito bão
Tem sido mau filho, mau marido
... Inda puxa- saco di patrão
Fez **candongá** di cumpanheiro seu → **TRAPAÇA**
Ele botou **feitiço** em você
Agora só o **ôme** à meia-noite
É que seu caso pode resolver

Ah, meu filho, do jeito que suncê tá só o **ôme** é qui pode ti ajuda...

Você compra garrafa de **marafó**...

Ah, meu filho, do jeito qui suncê tá só o ôme é qui pode ti ajuda...

Eu estou ensinando isso a você...

Nome: Patota De Cosme

Estilo: Samba

Compositor: Carlos Sena / Nilson Santos

Intérprete: Zeca Pagodinho

Ano de lançamento: 1987

Contexto histórico:

Tema geral: A letra aborda a história de um homem que se vê perseguido por uma mulher que tenta, sem sucesso, conquistar seu amor através da macumba, porém sua fé em Cosme e Damião impede o sucesso dela.

Nível de popularidade: 2.354.282 visualizações

Elementos da Umbanda: Feitiço, amarração, Santos católicos Cosme e Damião

Patota do Cosme

Mulher, mulher, mulher
Mulher, mulher
Você não terá o meu amor
Pode tentar o que quiser

Levou o meu nome pra **macumba**
Pra me **amarrar**
Já tentou diversas vezes me prejudicar

Mas minha cabeça é sã
Porque **Cosme** é meu amigo
E pediu a seu irmão **Damião**
Pra reunir a garotada
E proteger meu amanhã

Porque **Cosme** é meu amigo
E pediu a seu irmão **Damião**
Pra reunir a **garotada**
E proteger meu amanhã

Na verdade, você nunca me pertenceu
E quando seguiu meus passos
Foi visando o que era meu

Você não passou de um caso
Que nasceu por um acaso
Seu amor não era eu
Seu amor não era eu

Quando teve a conclusão
Que meu pobre coração
Não abrigaria você

Passou me caluniar
Mas a **patota do Cosme**
Não deixou me derrubar
Não deixou me derrubar

Passou me caluniar
Mas a **patota do Cosme**
Não deixou me derrubar

FEITIÇO

UNIR DUAS PESSOA ATRAVÉS DE FEITIÇO

CRANÇA/ERÊ

SANTO CATÓLICO

PROTEÇÃO DADA PELO SANTO

Nome: Festa De Umbanda

Estilo: Samba

Compositor: Martinho da Vila

Intérprete: Martinho da Vila

Ano de lançamento: 1974

Contexto histórico: Ditadura Militar

Tema geral: A música é uma combinação de diversos pontos da umbanda, cantados para diferentes entidades.

Nível de popularidade: 6.698.885 visualizações

Elementos da Umbanda: Tranca rua (Exu), Gira, Ogum, Zambi, Nanã, Jurema, Caboclo, Sete flecha, Mata virgem, Cachoeira

Festa de Umbanda

O sino da Igrejinha
Faz belém blem blam
Deu meia-noite
O galo já cantou
seu tranca rua → EXU
Que é dono da gira
Oi corre gira → RITUAL
Que **ogum** mandou
Tem pena dele
Benedito tenha dó
Ele é filho de **Zambi** → CRIADORA DO UNIVERSO
Ô São Benedito tenha dó
Tem pena dele **Naná** → ORIXÁ DO BARRO E SABEDORIA
Tenha dó
Ele é filho de **Zambi**
Ô **Zambi** tenha dó
Foi numa tarde serena
Lá nas matas da **Jurema** → NOME DE UMA ENTIDADE
Que eu vi o **caboclo**
bradar → ENTIDADE
Quiô
Quiô, quiô, quiô, quiera
Sua mata está em festa
Saravá **seu mata virgem** → NOME DE ENTIDADE
Que ele é rei da floresta
Quiô
Quiô, quiô, quiô, quiera
Sua mata está em festa
Saravá **seu cachoeira** → NOME DE ENTIDADE
Que ele é rei da floresta
Vestimenta de **caboclo**
É samambaia
É samambaia, é samambaia
Saia caboclo
Não me atrapalha
Saia do meio
Da samambaia

Nome: Chico Não Vai Na Curimba

Estilo: Samba

Compositor: Dudu Nobre e Zeca Pagodinho

Intérprete: Zeca Pagodinho

Ano de lançamento: 1998

Contexto histórico:

Tema geral: A história de um personagem, Chico, que se afasta das práticas religiosas afro-brasileiras, conhecidas como curimba.

Nível de popularidade: 1.587.261 visualizações

Elementos da Umbanda: Curimba, muringa, gongá, mandinga, Orixá, bano de arruda e de abô, babalorixá, pai de santo, guia, figa de guiné, patuá

Chico Não Vai Na Curimba

MURINGA É UM
JARRO DE
BARRO USADO
PAR GUARDAR
ÁGUA E ERVAS
SAGRADA

Chico não vai na curimba → MUSICAS QUE
Chico não quer curimbar → TOCAM DURANTE
Bebeu água de muringa → A GIRA
Dormiu no pé do gongá → ALTAR
Hoje não faz mais mandinga → FEITIÇO
Não que saracutear
Chico não acende vela
Nem manda flores pro seu Orixá → OFERENDA

Ele é de banda cheirô
Ele é de banda cheirá
Ele é de banda cheirô
Ele é de banda cheirá (repete tudo 2x)

Não toma banho de arruda → BANHO PARA
Nem toma banho de abô → PROTEÇÃO
E nem sabe me dizer
Se é de Keto de Angola → NAÇÕES DE
De Jeje ou Nagô → CANDOMBLÉ
Dizem pelos sete cantos
Que ele era um grande babalorixá → SACERDOTE
Ele é de banda cheirô
Ele é de banda cheirá
Ele é de banda cheirô
Ele é de banda cheirá

SACERDOTE ←

→ RITUAL DE

Nome: Pra São Jorge

Estilo: Samba

Compositor: Pece Ribeiro

Intérprete: Zeca Pagodinho

Ano de lançamento: 2005

Contexto histórico:

Tema geral: uma homenagem a São Jorge e a Ogum, demonstrando o sincretismo

Nível de popularidade: 1.619.907 visualizações

Elementos da Umbanda: São Jorge, Ogum, acender vela, comigo-ninguém-pode.

Pra São Jorge

La
Vamos saudar São Jorge, cavaleiro

SANTO CATÓLICO

FORMA DE SE COMUNICAR Vou acender velas para São Jorge
A ele eu quero agradecer
E vou plantar comigo-ninguém-pode
Para que o mal não possa então vencer

INVEJA Olho grande em mim não pega
Não pega, não
Não pega em quem tem fé
No coração

ORIXÁ DA GUERRA Ogum com sua espada
Sua capa encarnada
Me dá sempre proteção
Quem vai pela boa estrada
No fim dessa caminhada
Encontra em Deus perdão

DOMÍNIO DE OGUM

Vou acender velas para São Jorge
A ele eu quero agradecer
E vou plantar comigo-ninguém-pode
Para que o mal não possa então vencer

Olho grande em mim não pega
Não pega, não
Não pega em quem tem fé
No coração

Ogum com sua espada
Sua capa encarnada
Me dá sempre proteção
Quem vai pela boa estrada
Encontra em Deus perdão

La
Vamos saudar São Jorge, cavaleiro
La
Vamos saudar São Jorge, cavaleiro
Vamos saudar São Jorge, cavaleiro

Nome: Samba Pra Ogum

Estilo: Samba

Compositor: Artur Senna, Chico Teixeira, Dinho Braga e Vinicius De Oliveira

Intérprete: Filhos de Dona Maria

Ano de lançamento: 2015

Contexto histórico:

Tema geral: A música é uma declaração de fé em São Jorge e Ogum. A menção a Iemanjá, a rainha do mar e mãe de Ogum que canta em preces para o mesmo.

Nível de popularidade: 39.471 visualizações

Elementos da Umbanda: São Jorge, Iemanjá, Ogum, Ogum iê, Odoyá, Janaína, Aiocá

Samba Pra Ogum

Eu sou filho de são jorge → **SANTO CATÓLICO**
E não temo mal algum
A rainha Iemanjá → **ORIXÁ**
Canta em preces pra ogum →

SAUDAÇÃO A OGUM ←
Ogum iê, ogum
Osin imolé ogum → **"O PRIMEIRO ORIXÁ A VIR PARA A TERRA" TÍTULO DADO A OGUM**

Meu filho tu és grande e iluminado
Ouça meu lamento marejado
Que as ondas levam a você
Lhe peço que proteja esse mundo
Tão pequeno e tão confuso
Mas em ti confia e crê

Da lua ouço a prece em tom de samba
Tua voz me guia e manda
Vencerei essa demanda
Estou pronto pra lutar

IEMANJÁ ← Janaína é **MAR**
Princesa de aiocá → **ATABAQUE**

Nome: Seu Zé

Estilo: Samba

Compositor: Toninho Gerais

Intérprete: Toninho Gerais

Ano de lançamento: 2024

Contexto histórico:

Tema geral: Uma homenagem às entidades da linha dos malandros.

Nível de popularidade: 1.077.053 visualizações

Elementos da Umbanda: Saravá, malandro, Seu Zé, gira

Seu Zé

Saravá! → SAUDAÇÃO

Quando desce o morro, ele vai trabalhar
Com seu terno branco, baralho no bolso e o seu patuá

Descendo a ladeira, laiá, lá vai o malandro
Em cada esquina que passa, considerado ele é

Porque malandro que é malandro

Tem que respeitar Seu Zé

Se tem batucada, cerveja gelada
Se rabo de saia tá querendo é gandaia
Ele faz você girar

Gira, ô gira ê, ô gira ê, gira
Não acredita, chega mais, você vai ver qual é
Que ser malandro, samba na ponta do pé

Ô gira

Gira, ô gira ê, ô gira ê, gira
Não acredita, chega mais, você vai ver qual é
Quer ver malando, samba na ponta do pé

→ TIPO DE ENTIDADE

→ NOME DA ENTIDADE

Nome: Zé Fofinho de Ogum

Estilo: Samba

Compositor: Dario Augusto e Embratel do Pandeiro

Intérprete: Bezerra da Silva

Ano de lançamento: 1985

Contexto histórico: Ditadura militar

Tema geral: É uma crônica musical que retrata a figura de um malandro, o Zé Fofinho, que se aproveita da fé e da ingenuidade das pessoas para aplicar golpes.

Nível de popularidade: 1.355.773 visualizações

Elementos da Umbanda: Ogum, búzios, amarração, corpo fechado, São Jorge

Zé Fofinho de Ogum

Ih, sujou geral
Dessa vez os búzios enganaram o Zé
Fofinho

Zé Fofinho de Ogum
Era um tremendo 171
Zé Fofinho de Ogum
Era um tremendo 171

ORIXÁ DA
GUERRA

Dizia que os búzios falavam
Tudo o que ele queria saber
Desde a hora em que nasceu
Até a hora em que ia morrer

ORÁCULO
DIVINATÓRIO

Amarrava mulher, amansava marido
O Zé só faltava era fazer chover
Amarrava mulher, amansava marido
O Zé só faltava era fazer chover

E da esposa do delegado Osvaldo Cruz
Ele tomou de montão
Pra dizer que o doutor andava lhe

Das quatorze músicas analisadas, sete foram escolhidas para serem trabalhadas no produto final. O número sete tem grande importância para a Umbanda, pois representa as sete linhas de trabalho dentro da religião. A escolha das músicas foi baseada na minha memória afetiva. Ao analisar as sete músicas: *Ogum*, *A Deusa dos Orixás*, *Minha Fé*, *Vou Botar Seu Nome na Macumba*, *Só o Ôme*, *Festa de Umbanda* e *Quando a Gira Girou*, foi possível identificar algumas características. A música *Minha Fé*, que é identificada apenas como pagode, *A Deusa dos Orixás*, é classificada como samba, pagode e MPB, e *Quando a Gira Girou* é identificada como samba e pagode, as demais músicas são classificadas apenas como samba. *Vou Botar Seu Nome na Macumba* e *Festa de Umbanda* são as duas únicas compostas pelos próprios intérpretes. Das sete músicas, cinco são interpretadas por Zeca Pagodinho. *A Deusa dos Orixás* e *Festa de Umbanda* foram lançadas ainda no período da Ditadura Militar no Brasil, sendo a última de 1974, a mais antiga, completando cinquenta e quatro anos em 2025. *Quando a Gira Girou* é a música mais popular, com setenta milhões novecentos e noventa e seis mil quatrocentos e setenta e três milhões de visualizações no YouTube, enquanto *Só o Ôme* é a que tem menos visualizações, com aproximadamente apenas dois milhões e setecentosos mil. Das sete músicas, quatro mencionam Ogum (*Ogum*, *A Deusa dos Orixás*, *Minha Fé* e *Festa de Umbanda*), e apenas uma delas faz menção ao sincretismo, citando também São Jorge (*Ogum*). Duas músicas citam Xangô (*Minha Fé* e *A Deusa dos Orixás*),

Nanã é mencionada em duas músicas (*Festa de Umbanda* e *A Deusa dos Orixás*), Aruanda é citada em uma música e há uma referência em outra (*Ogum* e *A Deusa dos Orixás*). Três músicas fazem referência a macumba, mandinga, quizumba ou feitiço (*Minha Fé*, *Vou Botar Seu Nome na Macumba* e *Só o Ôme*). Apenas duas músicas mencionam as entidades da Umbanda (*Só o Ôme* e *Festa de Umbanda*). Duas músicas descrevem com detalhes maneiras de fazer uma macumba (*Só o Ôme* e *Vou Botar Teu Nome na Macumba*). Duas músicas apresentam um tom jocoso na letra (*Vou Botar Teu Nome na Macumba* e *Só o Ôme*). *Festa de Umbanda* e *Quando a Gira Girou* citam a gira.

Segue o QrCode da playlist no Spotify das músicas selecionadas:



Em conclusão, a análise das músicas e sua conexão com a Umbanda revela como a música popular brasileira, especialmente o samba, serve como um poderoso meio de expressão da religiosidade afro-brasileira. As letras falam sobre a cultura que envolve a religião, cultura essa que sofre preconceito e não recebe o devido reconhecimento. Mesmo assim, as músicas trazem leveza e tratam a religião com tom jocoso, podendo apresentar uma visão caricata ao abordarem temas como macumbas e trabalhos de amarração amorosa, mas, ao mesmo tempo, homenageiam os Orixás e suas histórias.

Ao longo do processo, tornou-se evidente que o design, embora seja uma linguagem expressiva e acessível, possui limites quando se propõe a representar o sagrado. A visualização gráfica de elementos simbólicos da Umbanda exige mais do que domínio técnico: requer escuta atenta, responsabilidade ética e respeito às complexidades culturais e espirituais que os envolvem. Como afirma Cláudia Regina

M. Nogueira (2009), a representação gráfica de sistemas simbólicos de matrizes africanas deve ser conduzida com rigor e sensibilidade, evitando simplificações que comprometam sua densidade semântica e cosmológica.

Nesse sentido, o trabalho reconhece o risco de **apropriação simbólica**, entendida aqui como o uso descontextualizado ou superficial de símbolos culturais. Stuart Hall (2003) alerta que toda representação é também uma construção, atravessada por disputas de poder e por significados historicamente situados. Diante disso, a escolha por ilustrar orixás, entidades e rituais da Umbanda foi guiada por um esforço contínuo de pesquisa, vivência e diálogo com os códigos visuais da tradição, buscando promover um gesto de aproximação respeitosa e culturalmente situada.

Ao mesmo tempo, o processo revelou a potência do design como prática mediadora. Bonsiepe (2006) enfatiza que o design não apenas comunica, mas também interpreta e articula discursos sociais, sendo capaz de ampliar a visibilidade de narrativas historicamente silenciadas. Ao transformar elementos da religiosidade afro-brasileira em linguagem gráfica editorial, o projeto atua como ferramenta de valorização simbólica, contribuindo para a construção de um imaginário mais plural e inclusivo.

Essa reflexão sobre os limites e as potências do design acompanhou todas as decisões visuais do projeto. O compromisso foi o de construir imagens que evocassem, sem reduzir; que traduzissem, sem distorcer; e que afirmassem, por meio do design, o valor estético, simbólico e espiritual da Umbanda na cultura brasileira contemporânea.

3. Desenvolvimento do projeto

Após o estudo dos símbolos da Umbanda, juntamente com as análises das músicas, foi possível prosseguir para o desenvolvimento do produto final. Em que será desenvolvido uma ilustração para cada música escolhida, com o objetivo de desmistificar a religião Umbanda, suas entidades, Orixás e símbolos. As ilustrações foram desenvolvidas em estilo cartum com o intuito de aproximar o espectador e assim trazer a desmistificação da Umbanda. Todas as ilustrações foram desenvolvidas

digitalmente no aplicativo *ProCreate*. Estas ilustrações serão conteúdo do produto editorial com nome de “Macumba Popular Brasileira”.

3.1 Ilustrações

3.1.1. Minha Fé

Contexto da Música

"Minha Fé", interpretada por Zeca Pagodinho, é uma canção que fala da força da espiritualidade no dia a dia, sem formalidades, com um tom leve e sincero. A fé aqui não é grandiosa ou distante — ela está nas coisas simples, no samba, na caminhada, no olhar positivo diante da vida.

NÃO CONTA
HISTÓRIA

FALA SOBRE
A FÉ NAS
RELIGIÕES DE
MATRIZ AFRICANA

8 ESTROFES

DESTACA
OS Orixás
SEUS VALORES
SAUDAÇÕES

MINHA
FÉ

4 Orixás
- OGUM
- XANGÔ
- OXUM
- OBALVAÊ

MANDINGAS

Conceito da Ilustração

Na ilustração, a fé é representada por meio dos orixás, cada um carrega seus elementos simbólicos como suas respectivas cores. Ogum foi representado com um moicano e barba, fazendo referência ao ator Norte Americano Laurence Tureaud, conhecido pelo nome artístico de *Mr. T*, famoso pelo seriado “Esquadrão Classe A”, o filme “Rocky III - O desafio

supremo” e por demonstrar uma personalidade de “durão” ou “encrenqueiro”, traços de personalidade que combinam com o energia de Ogum. Xangô é rei de Ifè e foi desenhado com um *black power*, inspirado na frase de Babu Santana “Quando você pega o pente e abre o black, é a coroa. O pente é a libertação”. Oxum é a Orixá da beleza, da fertilidade e do ouro, é uma das esposas de Xangô, ela foi representada também com um *black power*, para empoderar e enaltecer a beleza do povo preto. Obaluaê, tem uma personalidade reservada e está sempre coberto por palhas que escondem suas chagas, assim foi representado de maneira tímida atrás dos demais Orixás.



Figura 35: Esboço da música “Minha Fé”

Fonte: Imagens do autor.

A composição foi feita a partir de elementos simbólicos de cada orixá: Ogum em destaque, Xangô com o machado duplo, Oxum com espelho dourado, Obaluaê coberto com sua palha sagrada e os Ibejis correndo como crianças, em cores vibrantes.

A paleta de cores respeita as tradições de cada entidade, trazendo azul, vermelho, dourado e tons terrosos.



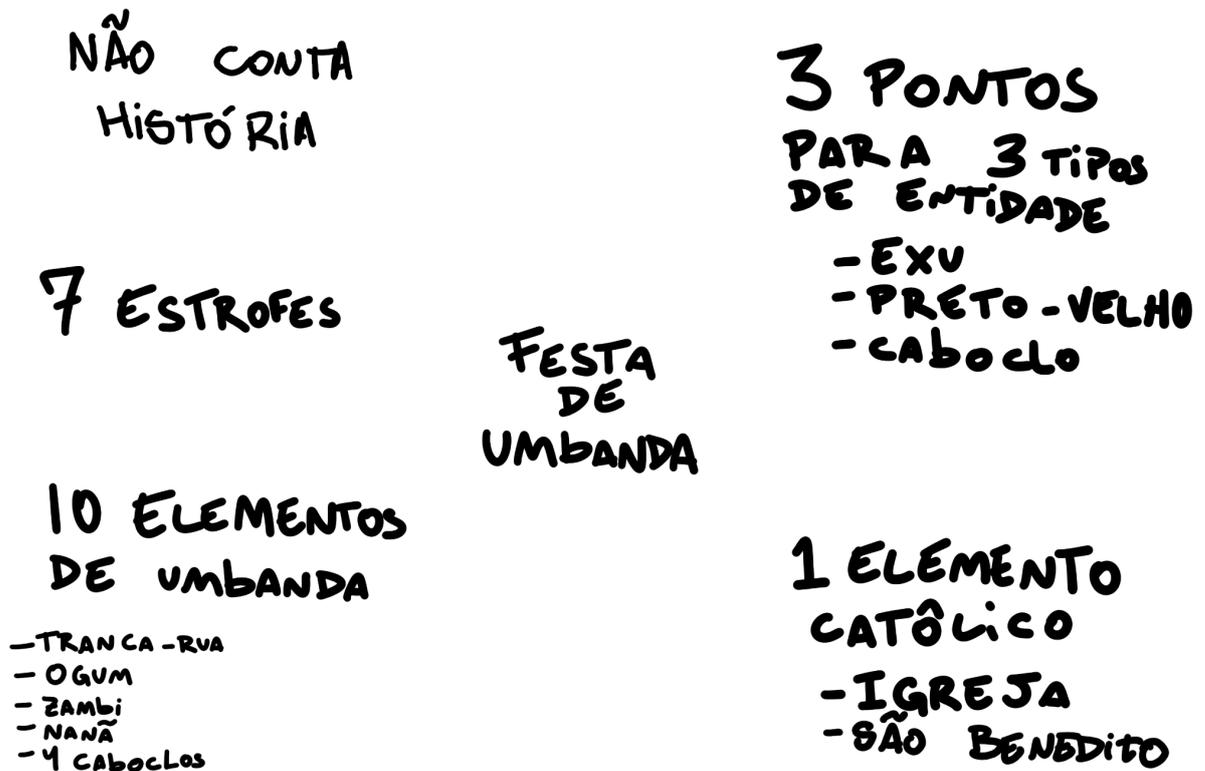
Figura 36: Ilustração finalizada da música “Minha Fé”

Fonte: Imagens do autor.

3.1.2 Festa de Umbanda

Contexto da Música

"Festa de Umbanda", interpretada por Martinho da Vila, é uma celebração da riqueza espiritual, cultural e sonora das religiões afro-brasileiras. A música reúne, de forma animada, vários pontos de entidades diferentes, como **"O Sino da Igrejinha"**, **"São Benedito"**, **"Sete Flechas"**, **"Vestimenta de Caboclo"**. O tom é festivo, mas também reverente — ressaltando a força, a alegria e a diversidade espiritual presentes na Umbanda.



Conceito da Ilustração

A ilustração representa três entidades centrais na Umbanda, exaltando traços marcantes de sua personalidade espiritual. Tranca Rua aparece bebendo cachaça e festejando. O Preto Velho é mostrado com um cachimbo e expressão sorridente. O

Caboclo surge sorrindo, transmitindo alegria como numa festa. Resultando em uma composição com os três guias como protagonista de uma gira alegre e harmoniosa.



Figura 37: Esboço da música “Festa de Umbanda”

Fonte: Imagens do autor.

Processo Criativo

A ilustração foi feita em estilo cartum, com traços expressivos, contornos marcados e proporções levemente exageradas para valorizar as características de

cada entidade. Elementos como a cachaça, o cachimbo e o sorriso foram pensados como símbolos da proximidade espiritual dessas entidades com o povo e com a vida cotidiana.



Figura 38: Ilustração finalizada da música “Festa de Umbanda”

Fonte: Imagens do autor.

Resultado Final

A ilustração transmite o espírito festivo e acolhedor da Umbanda, como descrito na música. Ao reunir Tranca Rua, o Preto Velho e o Caboclo em uma mesma cena, a imagem celebra a pluralidade espiritual e a convivência entre energias distintas dentro

de um mesmo terreiro. É uma homenagem visual à força espiritual que dança, canta e guia com amor.

3.1.3 Quando a Gira Girou

Contexto da Música

A música “Quando a Gira Girou”, de Zeca Pagodinho, retrata a força espiritual presente nos terreiros de Umbanda. A canção fala das dificuldades da vida e do conforto que pode-se encontrar na espiritualidade.

17 ESTROFES

NÃO CONTA HISTÓRIA

NÃO TEM PERSONAGENS

NÃO TEM CENÁRIO

QUANDO A GIRA GIROU

POUCOS ELEMENTOS DA UMBANDA, POREM POREM A MÚSICA PODE SER INTERPRETADA COMO UMA HOMENAGEM A ESPIRITUALIDADE

- GIRA
- AXÉ

Conceito da Ilustração

A ilustração representa visualmente um momento de acolhimento. O Preto Velho é desenhado com seus traços característicos: roupa branca, chapéu de palha, bengala e expressão serena e sorridente. Enquanto a mulher aparece em posição de vulnerabilidade, sendo amparada com ternura, transmitindo proteção e sabedoria — destacando o papel da espiritualidade como apoio emocional e ancestral. A frase “suncê num tá sozinha, mizifia” está presente na imagem como elemento textual.



Figura 39: Esboço da música “Quando a Gira Girou”

Fonte: Imagens do autor.



Figura 40: Traços finais da música “Quando a Gira Girou”

Fonte: Imagens do autor.

Processo Criativo

A imagem foi construída em estilo cartum, com traços suaves, expressões marcadas e cores acolhedoras. A escolha do cartum serve para suavizar a dor representada e realçar o gesto de carinho, aproximando o espectador da cena de forma empática.

SUNCÊ NUM TÁ SOZINHA MIZIFIA!



Figura 41: Ilustração finalizada da música “Quando a Gira Girou”

Fonte: Imagens do autor.

Resultado Final

A ilustração expressa o poder acolhedor da Umbanda e a sabedoria ancestral dos Pretos Velhos, que confortam com palavras simples e energia sincera. Assim como na música, o desenho transmite o poder da fé em transformar dor em esperança. A cena é um retrato visual da cura espiritual, do amor e da compaixão presentes nos terreiros.

3.1.4 Só o Ôme

Contexto da Música

A música “Só o Ôme”, de Zeca Pagodinho, traz uma narrativa popular sobre a busca de solução de problemas na figura do “ôme” da encruzilhada — o Exu, uma entidade central nas religiões afro-brasileiras. A letra mostra a importância de recorrer a essa força espiritual para abrir caminhos e resolver dificuldades para seguir em frente.

MANUAL DE
COMO CONTACTAR
UMA ENTIDADE

CENÁRIO
(ENCRUZILHA)

PERSONAGENS

8 ESTROFES

SÓ
O
ÔME

SENSO DE
HUMOR

4 ELEMENTOS
DE UMBANDA

NÃO CONTA
HISTÓRIA

Conceito da Ilustração

Para representar essa história, a ilustração mostra um homem servindo marafo (cachaça) para um Exu na encruzilhada —, espaço simbólico e espiritual onde se dão as conexões e decisões. O Exu aparece como um grande homem musculoso, com seus elementos de trabalho tradicionais (cartola, tridente, capa e adaga) que remetem à sua energia dinâmica e guardiã. A encruzilhada é o cenário central, reforçando a ideia de escolhas e caminhos abertos. A relação entre o homem e o Exu representa a fé e a confiança na proteção espiritual.

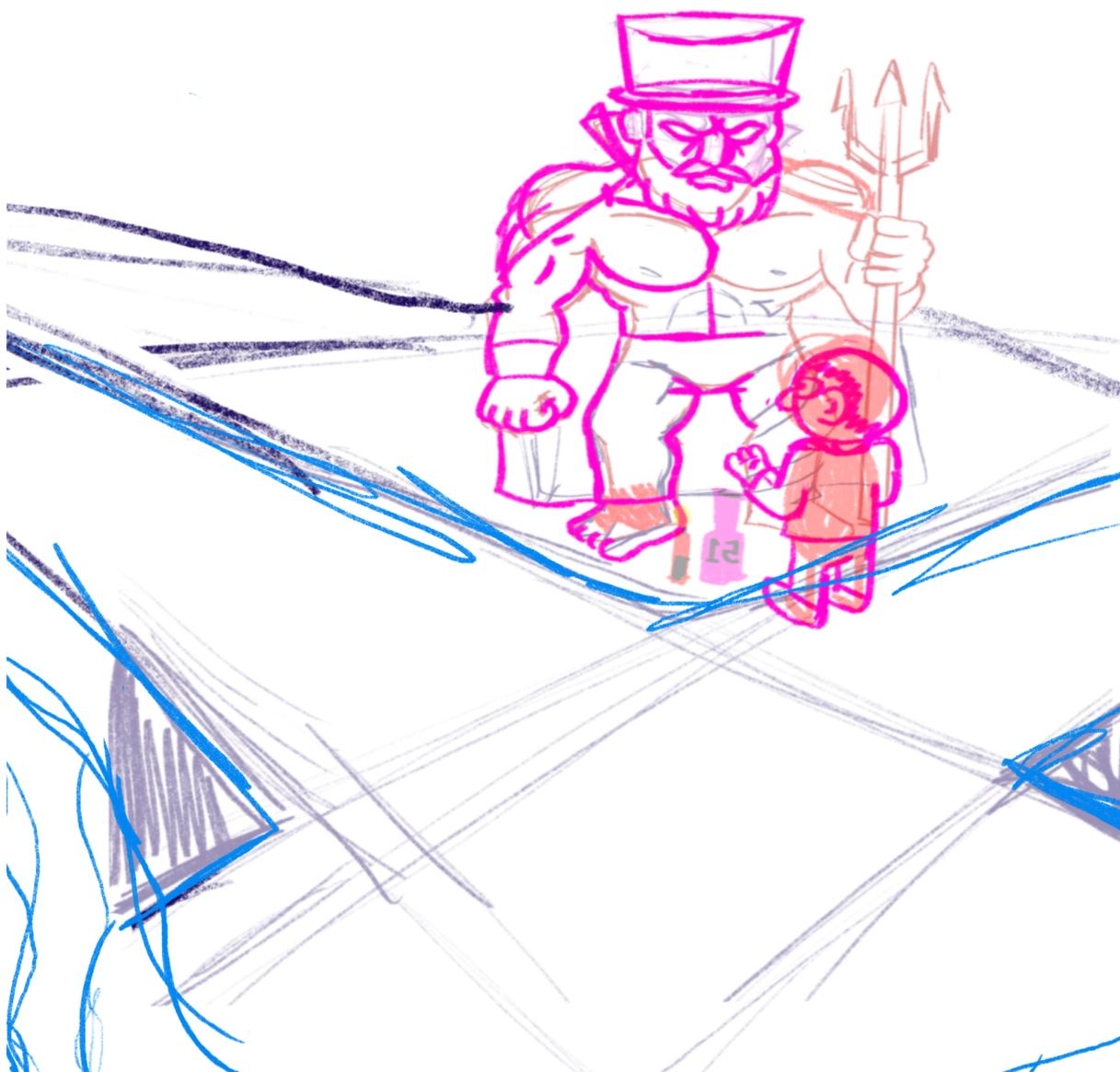


Figura 42: Esboço inicial da música “Só o Ôme”.

Fonte: Imagens do autor.

Processo Criativo

A paleta de cores escolhida foi vermelho e preto, cores tradicionalmente associadas ao Exu, conferindo força, mistério e energia à imagem.

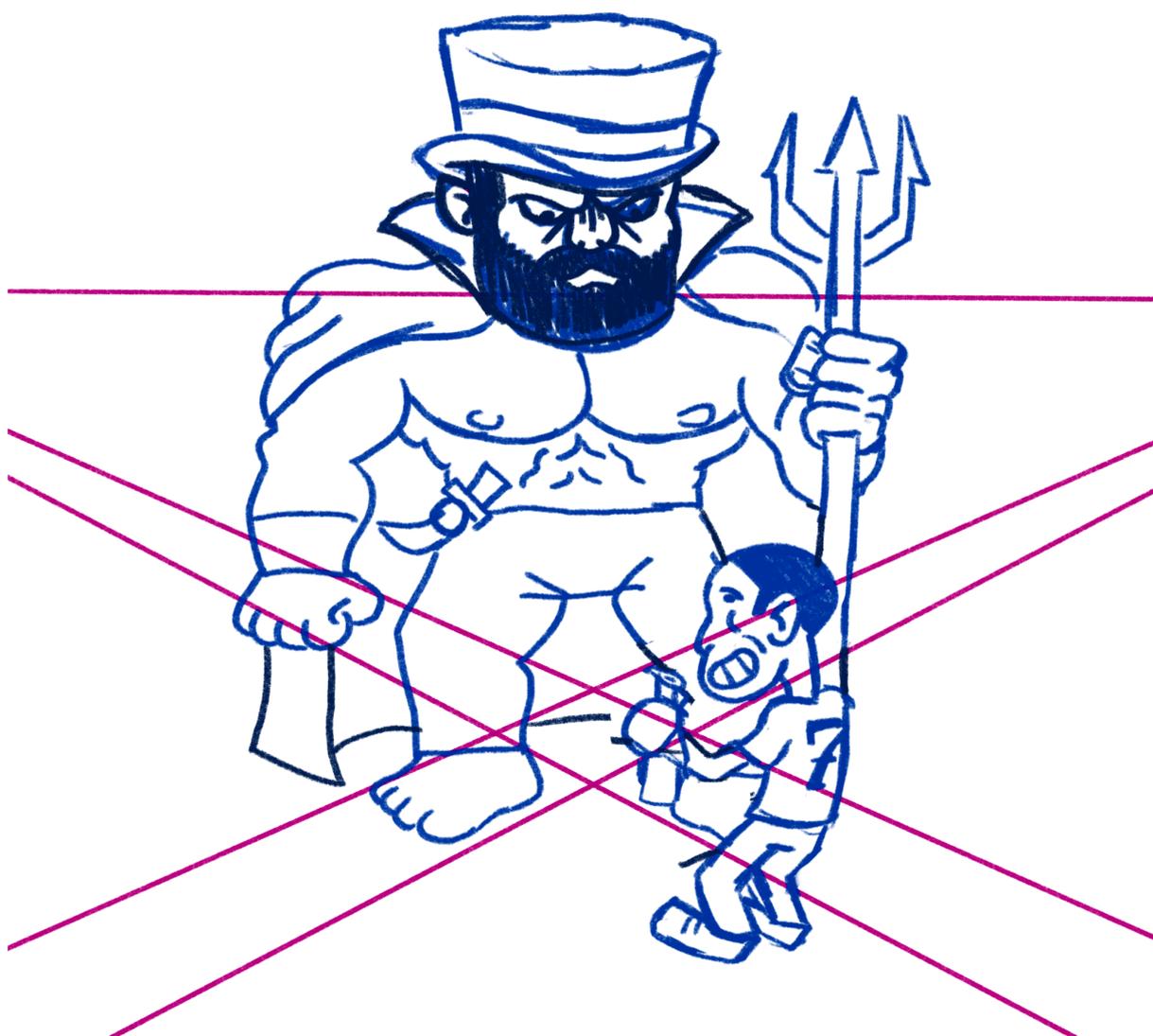


Figura 43: Esboço da música “Só o Ôme”.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 44: Ilustração finalizada da música “Só o Ôme”.

Fonte: Imagens do autor.

Resultado Final

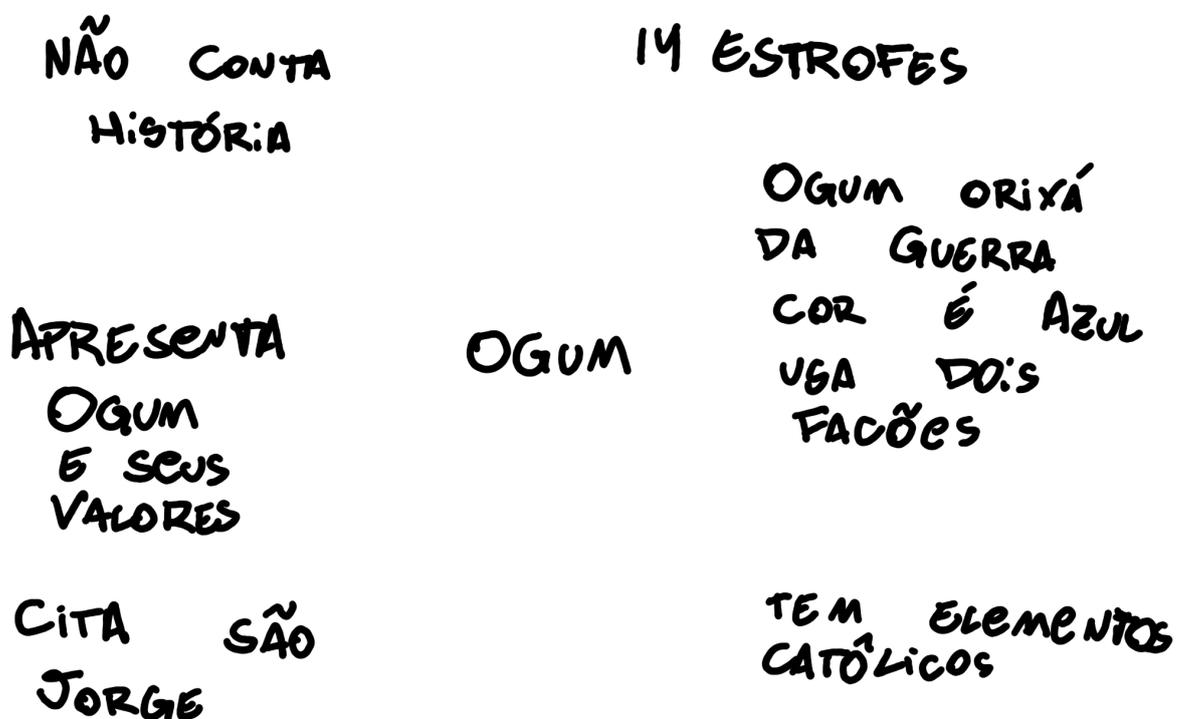
A ilustração comunica de forma clara e direta a mensagem da música: a importância do “ôme” da encruzilhada na vida daqueles que enfrentam dificuldades. Ao representar o momento do ritual de oferenda do marafo, a imagem reforça a dimensão espiritual e cultural da fé popular. Assim, a obra celebra o poder do Exu

como guardião dos caminhos e aliado do povo, em uma linguagem visual contemporânea e cheia de significado.

3.1.5 Ogum

Contexto da Música

A música “Ogum”, de Zeca Pagodinho, celebra o orixá Ogum, conhecido como o guerreiro e protetor dos caminhos. Ogum é a força da luta, da coragem e da proteção contra obstáculos, sendo uma figura essencial nas religiões afro-brasileiras e um símbolo de resistência e trabalho para muitos brasileiros.



Conceito da Ilustração

A ilustração traz Ogum em um momento cômico e simbólico, mostrando-o batendo em um dragão. Essa escolha representa, metaforicamente, a vitória sobre os desafios e os “dragões” da vida, usando o humor para aproximar a figura do orixá do público contemporâneo. O estilo cartum enfatiza a leveza da cena, trazendo uma visão divertida e acessível de uma figura poderosa.



Figura 45: Esboço inicial da música “Ogum”.

Fonte: Imagens do autor.

Processo Criativo

A ilustração foi feita utilizando traços expressivos e cores vibrantes que destacam Ogum e o dragão, valorizando as expressões e movimentos dos personagens. A composição explora o contraste entre a força do orixá e o tom lúdico da cena, criando um equilíbrio entre reverência e brincadeira.



Figura 46: Esboço da música “Ogum”.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 47: Ilustração finalizada da música “Ogum”.

Fonte: Imagens do autor.

Resultado Final

A imagem transmite a força e a coragem de Ogum de maneira leve e divertida, aproximando o orixá do cotidiano de forma moderna. A luta contra o dragão simboliza a superação de obstáculos, reforçando a mensagem da música sobre fé e resistência. O uso do cartum e do humor torna a representação acessível, respeitosa e impactante, refletindo a vitalidade da cultura afro-brasileira em diálogo com o contemporâneo.

3.1.6 A Deusa do Orixás

Conceito da Ilustração

Para dar vida a essa narrativa, a ilustração foi desenvolvida no formato de uma história em quadrinhos (HQ) já que dentre as músicas escolhidas, era a única que contava uma história tendo personagens e cenário. Cada quadro retrata momentos-chave da disputa entre Ogum e Xangô, reutilizando o design dos Orixás utilizado na música “**Minha Fé**”, além da presença marcante de Iansã. A escolha do cartum confere leveza e dinamismo à história, aproximando a mitologia do público de maneira acessível e atraente.

CONTA UMA
HISTÓRIA

TEM PERSONAGENS

TEM CENÁRIO

11 ESTROFES

DEUSA
DOS
ORIXÁS

OGUM ENFRENTA
XANGÔ PARA
TER O AMOR
DE IANSÃ

CITA 4
ORIXÁS

CITA ARUANDA



Imagem 48: Esboço inicial da música “A Deusa dos Orixás”.

Fonte: Imagens do autor.

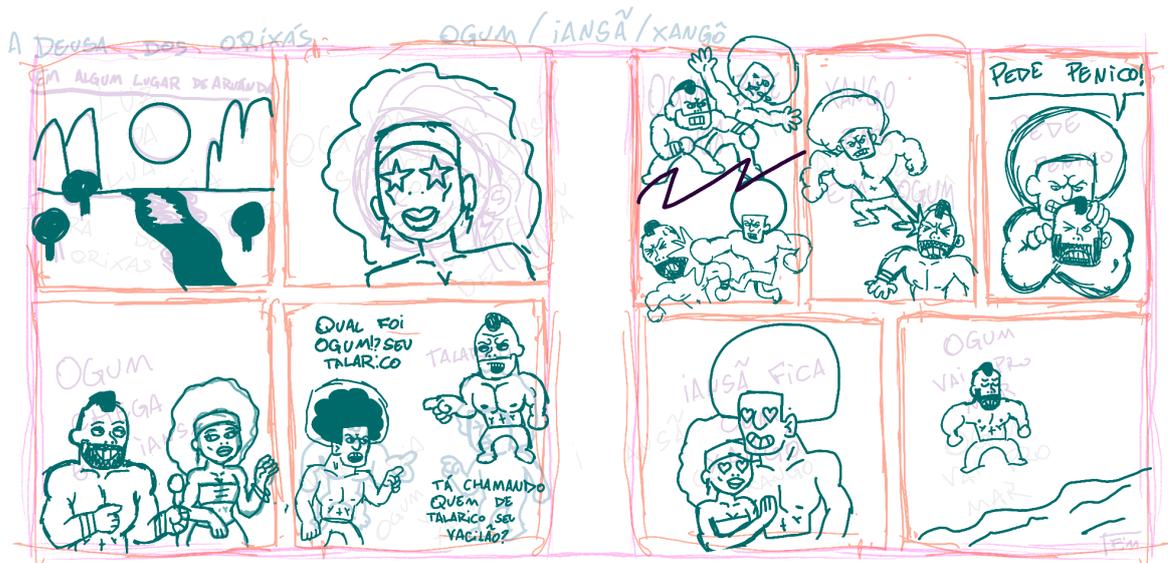


Figura 49: Estrutura do esboço da música “A Deusa dos Orixás”.

Fonte: Imagens do autor.

Processo Criativo

A paleta de cores foi inspirada nas tradições de cada orixá: o vermelho para Xangô e Iansã, e azul para Ogum reforçando suas identidades visuais.



Figura 50: Estrutura do esboço da música “A Deusa dos Orixás”.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 51: Estrutura do esboço da música “A Deusa dos Orixás”.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 52: Ilustração finalizada da música “A Deusa dos Orixás”.

Fonte: Imagens do autor.

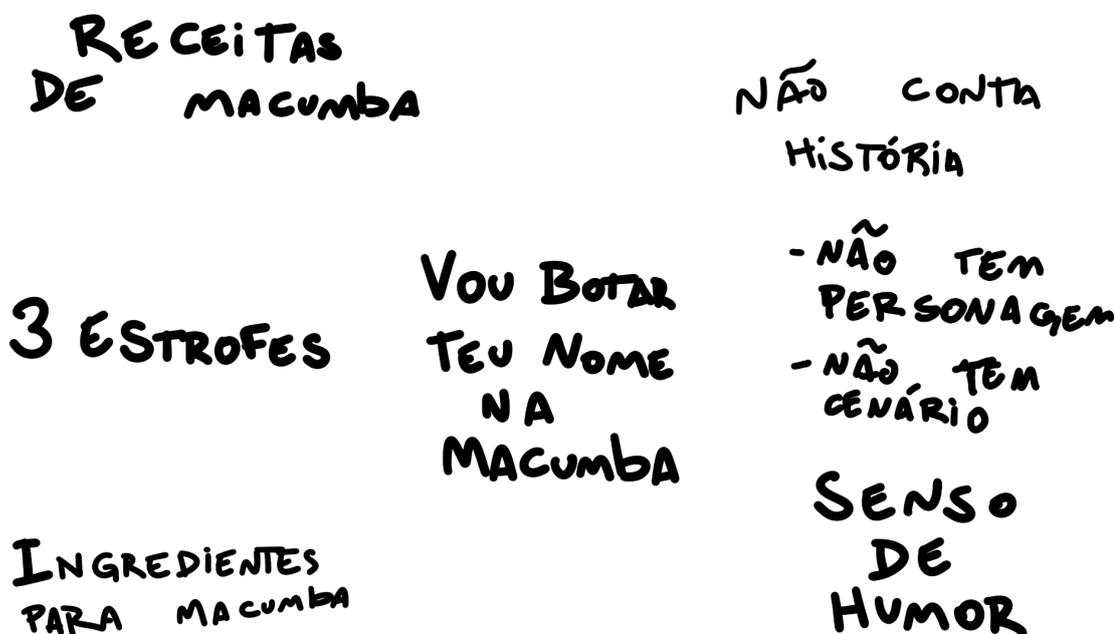
Resultado Final

A HQ ilustra, de forma envolvente, a narrativa da música, permitindo que o espectador acompanhe a história da luta pelo amor de Iansã com clareza e emoção. A combinação do estilo cartum e da técnica digital cria uma obra visual que respeita a mitologia e traz um olhar contemporâneo sobre a cultura afro-brasileira. A escolha de contar a história em quadrinhos reforça o poder do design para traduzir música, mitos e fé em narrativas visuais impactantes.

3.1.7 Vou Botar Seu Nome Na Macumba

Contexto da Música

A música “*Vou Botar Seu Nome na Macumba*”, de Zeca Pagodinho, usa o humor e a cultura popular para contar uma história de descontentamento amoroso, em que o narrador ameaça recorrer à “macumba” — termo coloquial que, aqui, representa um feitiço ou maldição leve para provocar ciúmes ou vingança. A canção brinca com os mitos e crenças do imaginário brasileiro, sem perder a leveza e o tom divertido.



Conceito da Ilustração

A ilustração representa uma “feiticeira” em ato simbólico, colocando o retrato de um homem dentro de um prato cheio de pimenta — elemento tradicional em rituais para intensificar o efeito da “macumba”. A escolha do estilo cartum traz leveza e humor à cena, aproximando a imagem do tom descontraído da música.



Figura 53: Esboço da música “Vou Botar Seu Nome Na Macumba”.

Fonte: Imagens do autor.

Processo Criativo

A técnica usada foi ilustração digital, com traços simples e cores vivas que destacam a figura central e os elementos do ritual. O estilo cartum possibilita exagerar expressões e gestos, reforçando o humor e a narrativa visual. O uso do vermelho da pimenta contrasta com tons escuros gerando mistério.



Figura 54: Ilustração finalizada da música “Vou Botar Seu Nome Na Macumba”.

Fonte: Imagens do autor.

Resultado Final

A imagem traduz visualmente a narrativa humorística e cultural da música, o ato simbólico de “botar o nome na macumba” com um toque de irreverência e respeito às tradições. A combinação do estilo cartum com a técnica digital resulta em uma obra que é ao mesmo tempo acessível, expressiva e cheia de significado dentro do universo da música popular brasileira.

3.2. Espelho editorial

O espelho editorial foi uma ferramenta fundamental no desenvolvimento do livro, pois garantiu coesão visual, equilíbrio e consistência na diagramação do livro. Ele define a estrutura-base das páginas — áreas de texto e imagem — e orienta a disposição dos elementos gráficos em cada dupla. Isso é essencial para manter a leitura fluida e agradável, respeitando tanto a estética quanto a funcionalidade.



Figura 55: Espelho editorial.

Fonte: Imagens do autor.

3.3. Tipografia e Identidade Visual

Para reforçar o caráter popular, afetivo e cultural das músicas ilustradas, foram escolhidas duas fontes com forte ligação ao imaginário brasileiro. A fonte “Brasileiro” foi utilizada nos títulos por sua estética marcante e vernacular, que remete à arte

popular e à linguagem gráfica presente em folhetos de cordel, feiras e festividades brasileiras. Já a fonte “Asa Branca” foi escolhida para os textos corridos — as letras das músicas — por sua legibilidade e por trazer uma leve rusticidade, evocando a popularidade e a tradição oral. Essa combinação tipográfica contribui para a construção de uma identidade visual coesa, que valoriza as raízes culturais das canções e aproxima o leitor da proposta gráfica e simbólica do livro.

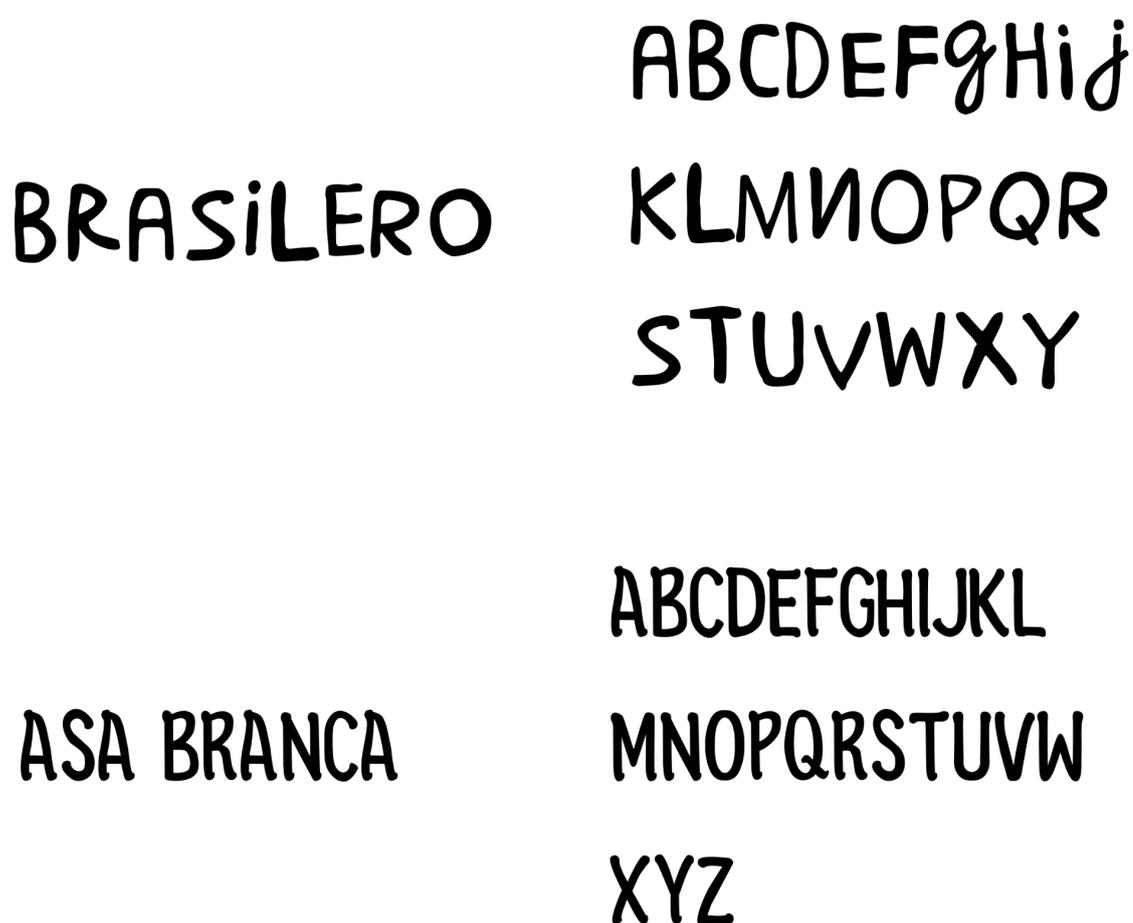


Figura 56: Família tipográfica.

Fonte: Imagens do autor.

3.4. Diagramação

A diagramação do livro foi estruturada com base em um grid de três colunas, garantindo flexibilidade na organização dos elementos gráficos e textuais. A escolha desse grid permite variações de composição entre texto e imagem, favorecendo o ritmo visual e a leitura. Foi adotada uma medianiz de 8 mm, assegurando o espaçamento adequado entre as colunas e contribuindo para a clareza na separação das informações. Essa estrutura proporciona equilíbrio, legibilidade e coerência visual ao conjunto do projeto.

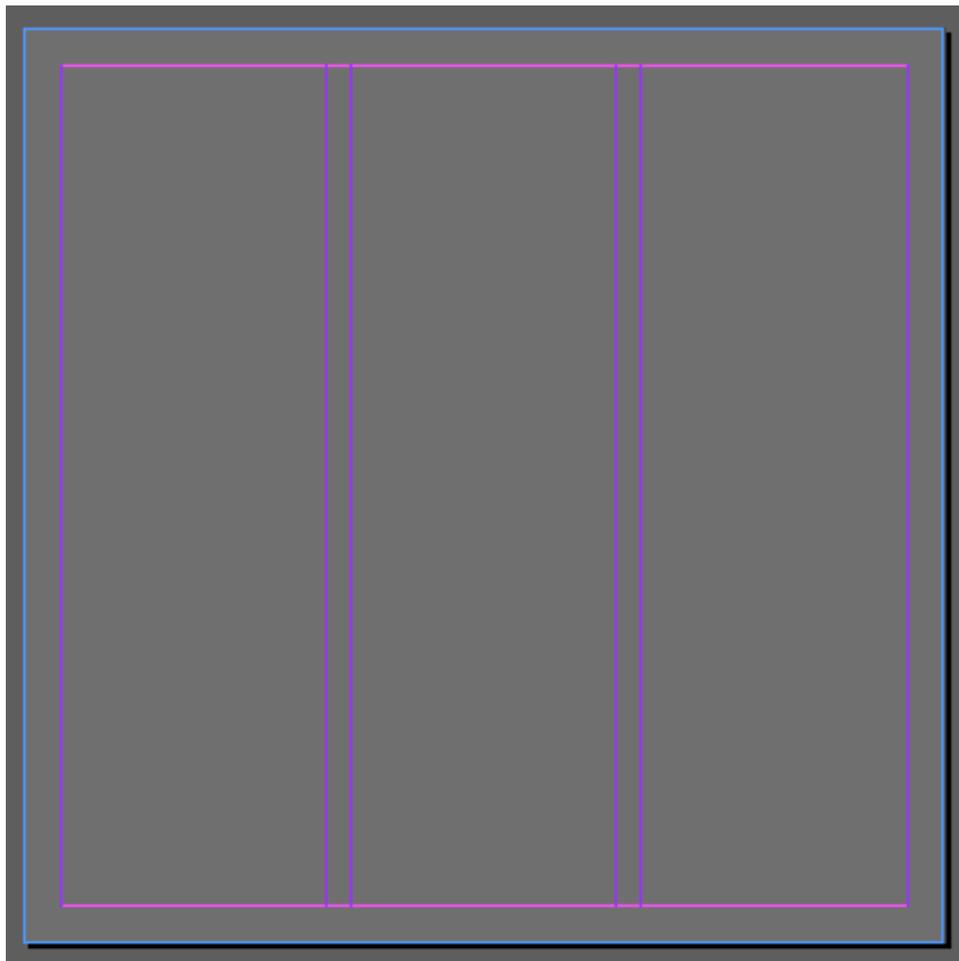


Figura 57: Grid.

Fonte: Imagens do autor.

3.5. Produto Final

A capa do livro apresenta a ilustração do rosto de três entidades da Umbanda: um Exu, uma Preta Velha e um Caboclo. Essas figuras foram escolhidas por representarem forças espirituais típicas da religiosidade brasileira e por estarem diretamente ligadas à temática das músicas ilustradas. Por serem entidades que existem exclusivamente no Brasil, a composição reafirma o caráter nacional e afro-brasileiro do projeto.



Figura 58: Arte da capa do livro.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 59: Arte da quarta capa do livro.

Fonte: Imagens do autor.

Descrição do livro:

Livro de 34,5 por 32 cm, impresso em papel *offset* 180g e capa em papel paraná 2.0mm , com 38 páginas, lombada em papel *colorplus* preto 180g.

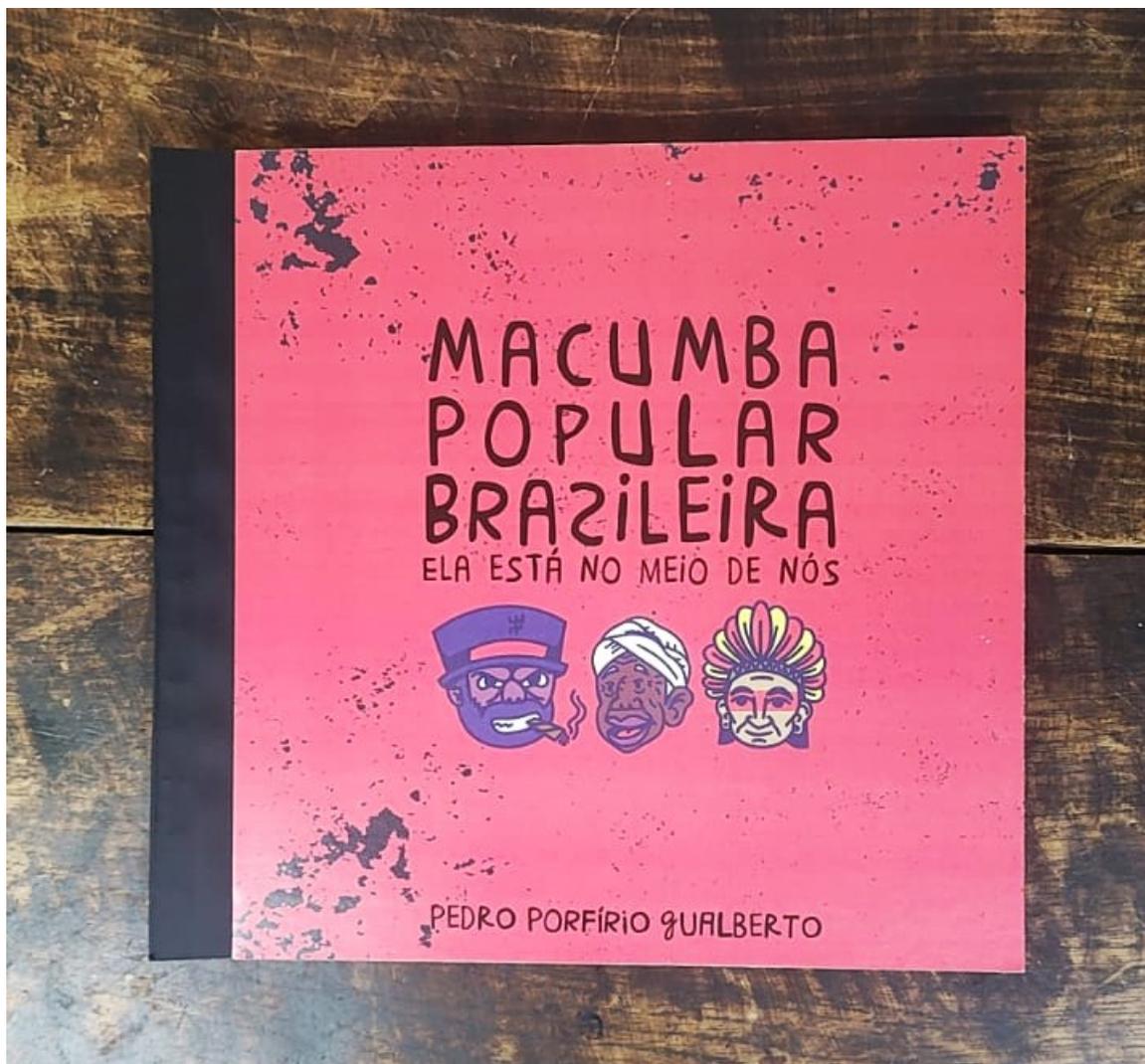


Figura 60: Livro “Macumba Popular Brasileira”.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 61: Livro “Macumba Popular Brasileira”,
Fonte: Imagens do autor.



Figura 63: Livro “Macumba Popular Brasileira”.
Fonte: Imagens do autor.



Figura 64: Livro “Macumba Popular Brasileira”.
Fonte: Imagens do autor.



Figura 66: Encarte do vinil.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 67: Selo central do vinil.

Fonte: Imagens do autor.

Descrição do vinil:

- Vinil de 31,5 por 31,5 cm, com selo adesivo de 10cm de diâmetro.
- Capa do Vinil 31,5 por 32,5 cm em papel *gloss fosco* 180g

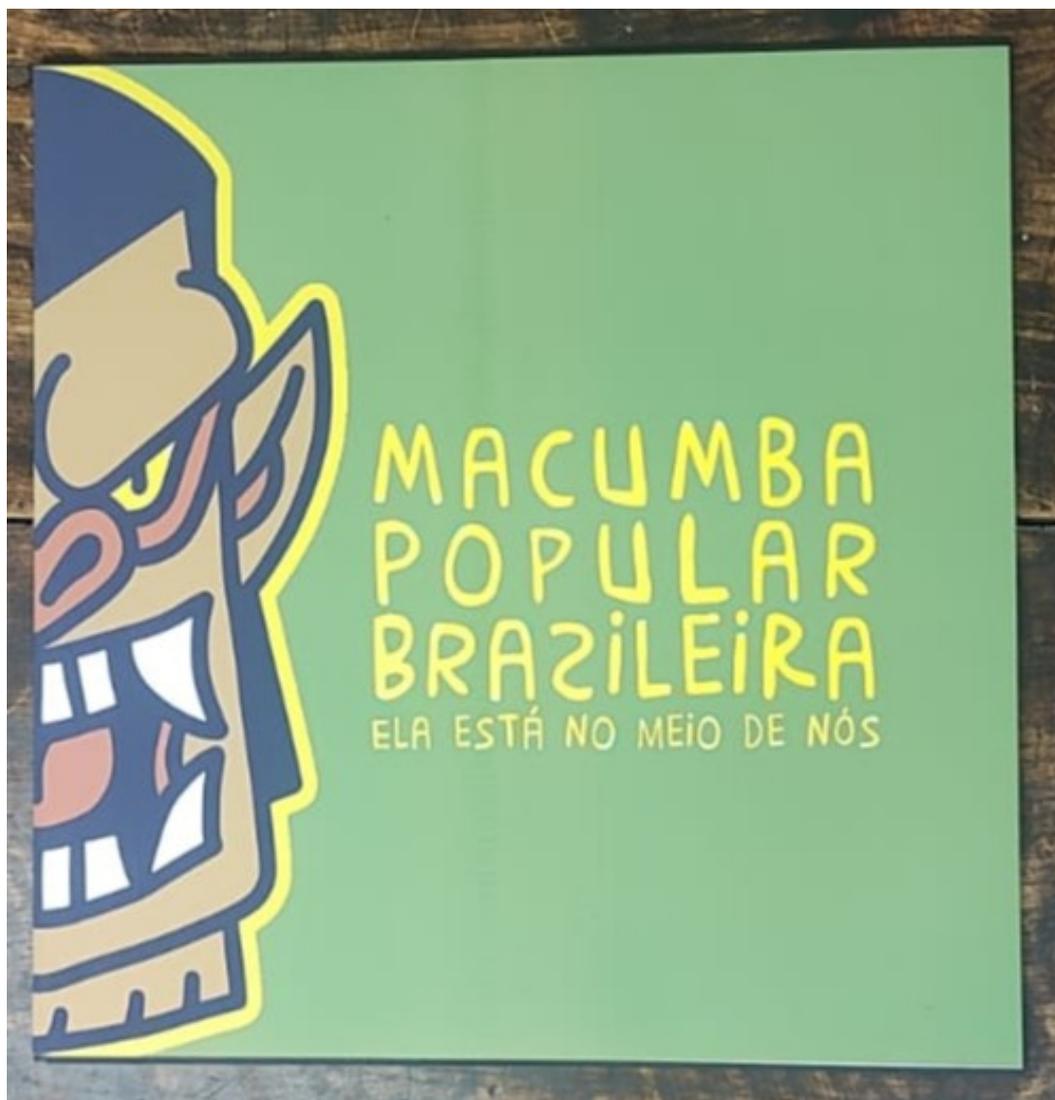


Figura 68: Capa do Vinil.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 69: Capa do vinil.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 70: Vinil.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 71: Vinil.

Fonte: Imagens do autor.

3.8. Caixa

A embalagem do projeto foi concebida como uma caixa preta, contendo apenas o título em vermelho na capa. Essa decisão estética busca contrastar com o conteúdo interno do livro, que é visualmente mais carregado, repleto de cores, ilustrações e referências simbólicas. A escolha por uma apresentação externa mais sóbria tem como objetivo equilibrar o conjunto gráfico, evitando excessos visuais e criando uma pausa estética entre o exterior e o interior do objeto. O uso do vermelho no título estabelece uma conexão cromática com elementos recorrentes nas ilustrações —

especialmente relacionados a Exu — ao mesmo tempo em que confere destaque e força ao nome da obra. Dessa forma, a caixa funciona como uma introdução visual contida, que valoriza o impacto das imagens ao serem reveladas apenas ao abrir o conteúdo.



Figura 72 : Arte da caixa.

Fonte: Imagens do autor.

- Caixa em papel paraná 2.0mm, revestido em papel *colorplus* 120g, com adesivo do título em vermelho



Figura 73: Caixa.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 74: Caixa.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 75: Caixa.

Fonte: Imagens do autor.



Figura 76: Caixa.

Fonte: Imagens do autor.

Memorial

Reflexão final – Enfrentar o monstro

Pedro Porfírio

O Trabalho de Conclusão de Curso sempre me pareceu um desafio muito grande — um verdadeiro monstro de sete cabeças. Quando delimito o tema do trabalho em uma religião de matriz africana, num primeiro momento fiquei feliz por trabalhar dentro da temática da brasilidade. Mas logo fui tomado por uma angústia tremenda...

Sou um homem branco. Como eu poderia falar de um tema tão sério e sensível quanto religiões de matriz africana, racismo religioso, orixás e entidades espirituais pretas? Fui confortado por minha orientadora, mas a angústia não foi embora — ela continuou ali, dentro de mim.

Foi apenas com o estudo do tema e dos contextos históricos e sociais do Brasil, com a compreensão das políticas de embranquecimento através da miscigenação e, principalmente, com as visitas ao terreiro, que comecei a entender e sentir a ancestralidade e espiritualidade que me acompanham. Só assim foi possível, de fato, perder o medo de pesquisar esse assunto.

O trabalho voltou a pesar quando iniciei a produção das ilustrações. Eu estava preocupado em tratar um tema que exige tanto respeito, que toca o coração e o espírito de tantas pessoas, com o tom jocoso que é característico do meu traço. Me cerquei de referências mais “sérias” e comecei os primeiros rascunhos — mas o trabalho se engessou, e nenhuma ilustração saía.

Coincidentemente, na mesma época, fui a uma gira de Baiano. Conversando com a Baiana sobre minha espiritualidade, ela me aconselhou a fazer um jogo de tarô. Durante a tiragem, minha Pombogira deu um “oi” e me deixou um recado: que eu fosse verdadeiro comigo mesmo, que tivesse coragem, e que não me importasse tanto com o pensamento dos outros. No fundo, meu medo de desrespeitar a espiritualidade era, na verdade, o medo de que meu trabalho fosse compreendido pelos filhos e filhas do Axé como algo desrespeitoso.

De início, não levei o conselho para o meu TCC. Mas, logo que sentei mais uma vez para dar continuidade às ilustrações, me lembrei da Pombogira — e me despreendi do medo. Segui desenhando com o meu traço, no tom jocoso, fazendo piada, desenhando dessa maneira “boba” que sempre foi a minha.

E então um desenho foi se desenrolando... depois outro, e outro, e outro. De repente, eu tinha sete ilustrações prontas para formar meu projeto editorial.

Foi por isso que abri meu trabalho com a frase: “Dá o passo que Exu dá o chão.”

Quando ouvi o que minha comadre tinha para me dizer, confiei e dei o passo. Eu tinha chão firme para me sustentar — um chão que, ao longo de quatro anos de curso, fui estruturando com o meu trabalho. Seja criando o mascote da atlética, seja desenhando o cupido do Dia dos Namorados da CADUC... Eu sou dono desse mérito.

E, de repente, o monstro do TCC já não era mais um monstro. E mesmo que ainda fosse, mesmo nos momentos em que tudo pareceu dar errado, eu sabia que tinha o meu povo comigo — e que eles jamais me deixariam enfrentar esses monstros sozinho.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo principal contribuir para a valorização e desmistificação da religião Umbanda, por meio de um projeto editorial que une ilustração, música e axé. A partir da seleção de sete músicas populares brasileiras que fazem referência direta ou simbólica a orixás e entidades espirituais, foram desenvolvidas ilustrações autorais que apresentam essas figuras de forma acessível e respeitosa.

Para garantir uma representação visual coerente e ética, foi necessário realizar um estudo aprofundado sobre os símbolos, arquétipos e representações visuais da Umbanda, compreendendo a iconografia de orixás e entidades como Exu, Ogum, Oxum, Pretos Velhos, Caboclos e Ibejis. Paralelamente, foi feita uma decupagem e análise das letras das músicas escolhidas, com o intuito de compreender como essas canções abordam, reinterpretem e popularizam elementos das religiões de matriz africana no cotidiano brasileiro.

Ao adotar uma linguagem visual em estilo cartum, o projeto buscou traduzir com leveza e expressividade a presença constante da religiosidade afro-brasileira no imaginário coletivo, nas canções, nas festas populares e nas vivências cotidianas. A criação do livro e do disco de vinil como objetos complementares reforça esse diálogo entre som e imagem, entre tradição e design contemporâneo.

Mais do que um exercício estético, o projeto lança um olhar sensível sobre a Umbanda, ressaltando sua importância como patrimônio cultural brasileiro e combatendo estigmas ainda presentes em relação às religiões de matriz africana. Ao reconhecer essas expressões como parte fundamental da identidade nacional, o design se torna ferramenta de representação, resistência e educação visual.

Referências Bibliográficas

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. *O livro essencial de Umbanda*. 1. ed. São Paulo: Universo dos Livros, 2014. 336 p. ISBN 978-85-7930-744-7.

BIM, Silvia Amélia. *Ilustração: discurso visual e leitura*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.

BONSIEPE, Gui. *Design, cultura e sociedade: reflexões sobre o design industrial*. São Paulo: Blucher, 2009.

BONSIPE, Gui. *Design, cultura e sociedade: reflexões sobre o design industrial*. São Paulo: Blucher, 2006.

DAMATTA, Roberto. *O que é o Brasil?* 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. 76 p. ISBN 978-85-325-1784-5.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NOGUEIRA, Cláudia Regina Machado. Imagem e diferença: o design gráfico na representação da cultura afro-brasileira. *Estudos em Design*, v. 17, n. 2, 2009. Disponível em: <https://www.estudosemdesign.com.br>. Acesso em: 7 jun. 2025.

PEREIRA, Marcelo. *Guia prático sobre a Umbanda*. São Paulo: Colli Books, 2023.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 470 p. ISBN 978-85-7164-451-9.

SIMAS, Luiz Antonio. *O mergulho nas brasilidades*. Blog do Luiz Antonio Simas, 06 nov. 2022. Disponível em: <https://luizantoniosimas.com.br/blog/o-mergulho-nas-brasilidades>. Acesso em: 9 set. 2024.

SIMAS, Luiz Antonio. *Umbandas: uma história do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 192 p. ISBN 978-65-5802-044-8.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018. 124 p. ISBN 978-85-65679-76-3.

SANTOS, Milton et al. *As cidadanias mutiladas*. São Paulo: IMESP, 1996. p. 135.